Caderno de Jornalismo Esportivo

Volume 6

Organizadores

Luciano Victor Barros Maluly
Daniel Azevedo Muñoz
Carla de Oliveira Tôzo
Deyse Alini de Moura
Felipe Parra
Felipe Priante
Thais May Carvalho

eca ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP

Alterjor

cje JORNALISMO E EDITORAÇÃO

CADERNO DE JORNALISMO ESPORTIVO

VOLUME 6

Luciano Victor Barros Maluly

Daniel Azevedo Muñoz

Carla de Oliveira Tôzo

Deyse Alini de Moura

Felipe Parra

Felipe Priante

Thais May Carvalho

(Organizadores)

ECA-USP - 2024

CADERNO DE JORNALISMO ESPORTIVO

VOLUME 6

Luciano Victor Barros Maluly

Daniel Azevedo Muñoz

Carla de Oliveira Tôzo

Deyse Alini de Moura

Felipe Parra

Felipe Priante

Thais May Carvalho

(Organizadores)

ECA-USP - 2024

Para Daniel Azevedo Muñoz,
pelas contribuições ao
ensino do radiojornalismo na
Universidade de São Paulo.

Para Erick da Silva Castelhero,
Marcelo Cardoso,
Murillo Aranha Guimarães Marcello,
Pascoal Luiz Tambucci
e Sérgio Robinson Quintanilha.

Em especial, para Valdir Baptista
e Marcello Bittencourt (in memoriam)

“Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada"

Capa: Felipe Parra

Diagramação: Daniel Azevedo Muñoz

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Jr.

Vice-reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Departamento de Jornalismo e Editoração

Chefe do Departamento: Prof. Dr. Luciano Guimarães

Vice-chefe do Departamento: Prof. Dr. Wagner de Souza e Silva

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C122 Caderno de jornalismo esportivo [recurso eletrônico] : volume 6 / organizadores Luciano Victor Barros Maluly ... [et al.] – São Paulo: ECA-USP, 2024.
PDF (78 p.)

ISBN 978-85-7205-270-2
DOI 10.11606/9788572052702

1. Jornalismo esportivo. 2. Jornalismo literário. 3. Crônica jornalística. 4. Atividade física. 5. Esportes I. Maluly, Luciano Victor Barros

CDD 22. ed. – 070.449796

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado - CRB-8/6194

Índice para catálogo sistemático

1. Comunicação: 302.2

Creative Commons 4.0 Atribuição, Não Comercial Sem derivação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **7**

Herança Alvinegra **9**
Allan Victor Machado Gomes
Meu Time? Guarani! **10**
Ana Beatriz Araujo Isola
O Dia que Escolhi SER Palmeiras **12**
Bruno Galindo Voltolini
Santos, Campeão da Libertadores 2011 **14**
Enzo Moraes Fantini
Verde Tarde **15**
Fábio de Araújo Santos
A Competição **17**
Fernando Uchôa do Rêgo Barros Filho
Escolhas Além das Quadras **18**
Gabriela Oliveira
Memórias que Ficam **19**
Gabriela Ramos Rezende
Adeus, BIFE! **21**
Gabriel Martinez Santamaria
Esporte e Espírito: Me Redescobrindo em um Time na Graduação **22**
Gabrielle Gentile
O Inesquecível 7 a 1 **24**
Guilherme Pereira dos Santos
Minha Primeira Vez no Estádio **26**
Guilherme Nunes Naufal
Sorvete de Leite Condensado **28**
Honoka Akashi
Figuras que nos Guiam desde a Infância **30**
Isabella Gargano
Memórias Atleticanas Contra o Vento **32**
Julia Lopes Felitte
Eterna Santista **34**
Julia Trindade Peres
Copa do Mundo de 2010 **36**
Jun Won Byun
O Dia que o Santos Salvou o Palmeiras **38**
Larissa Pacheco Marcelino da Silva
Verão **40**
Laura Desuani Medeiros da Silva
Diretamente do Banco **42**
Leonardo Penna
Uma Infância na Garagem **44**
Lina Tomie Tedesco Hayasi

Esse Tal Esporte é Coisa Séria **46**
Lucas Augusto Massei Fernandes
Uma Noite Épica, um Amor que Transcende **48**
Lucas de Moraes Mata
No Domingo Chuvoso de Interlagos, a Alegria que Durou Pouco **49**
Lucas Neri Bastos Costa
Arena Barra do Parateca **51**
Lucas Zacari
Corredor Alvinegro **54**
Maria Trombini
O Primeiro Jogo Inesquecível **55**
Mateus Felipe Almeida Pinto
Com o Otimismo de uma Criança, Acredite Até o Fim **57**
Michel Elesbão de Jesus
Sobre Torcer **59**
Miriã Gama
Meu Maracanazo **60**
Murilo Rodrigues
Olê Olê Olê Olá, o Allianz Parque Virou Arena Inamar **62**
Osmar Granato Salvador Dias Neto
“Se o Prass Fizer...” Pera Aí, Não foi Isso que eu Ouvi! **64**
Ricardo Campagnoli Thomé
Salve o Pacaembu **69**
Ruth Bessa Santana Gasparetto
O que a Dança Fez por mim **71**
Victória Leonora do Carmo Dellú
A Praia, o Menino e o seu Time **73**
Vitor Valadares Lino Pereira

REFERÊNCIAS **75**

Introdução

A disciplina *Jornalismo Esportivo – a pauta além do futebol* recebe estudantes de diversos cursos de graduação da Universidade de São Paulo, com o objetivo de divulgar o esporte por meio das técnicas e princípios da cobertura jornalística especializada.

Em 2023, o curso recebeu diversos pesquisadores que compartilharam experiências profissionais e acadêmicas com a turma:

- Marcelo Cardoso, que destacou os princípios da comunicação esportiva com base nas diversas modalidades;
- Murillo Aranha Guimarães Marcello, que apresentou os resultados de sua tese de doutorado *Racismo, decolonialidade e crítica à ideologia: uma análise de discurso do Portal Capoeira*, defendida recentemente na Universidade de Sorocaba, sob supervisão do Prof. Dr. Felipe Tavares Paes Lopes;
- Erick da Silva Castelhero, que revelou os detalhes por trás do planejamento do jornal *A Gazeta Esportiva* e da tradicional Corrida de São Silvestre;
- Sérgio Robinson Quintanilha, que abordou o impacto das tecnologias no jornalismo esportivo.

Além disso, uma das experiências mais interessantes desse ciclo foi a visita guiada ao Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP), atualmente coordenado por Pascoal Luiz Tambucci, professor e assistente de comunicação do *Cepê*.

Do analógico ao digital, essas abordagens reforçaram a proposta da disciplina que, em seu conteúdo, procura aproximar os estudantes das práticas e pesquisas em Comunicação e Esporte. Entre as atividades propostas, destaca-se a produção de crônicas baseadas em memórias sobre práticas esportivas e atividades físicas.

Para muitos alunos, essa é a primeira ou até mesmo a única oportunidade de produzir um texto fora dos padrões de seus cursos escolhidos, já que a maioria dos inscritos dessa turma não está matriculado na graduação de Jornalismo. Inclusive, nada melhor do que iniciar a prática do jornalismo pela crônica, que é considerada, para muitos, a nobre arte do texto jornalístico.

Esta sexta edição deste Caderno de Jornalismo Esportivo é especial, porque é a primeira após a Pandemia de Covid-19 e, assim, gostaríamos de homenagear dois amigos

que se foram durante essa dura jornada: Valdir Baptista e Marcello Bittencourt. Este livro é dedicado a eles, e como eles gostariam de ler as crônicas sobre jogos, práticas, torcidas e brincadeiras esportivas, dos jovens sonhadores da Universidade de São Paulo.

Equipe Editorial

Herança Alvinegra

Allan Victor Machado Gomes

Uma memória que se mantém vívida em minha mente como se tivesse acontecido recentemente. Foi um daqueles momentos que se fixam na memória não por conta dos gols marcados ou do resultado do jogo, mas pela profundidade do significado que aquele evento esportivo trouxe à minha vida.

Numa tarde ensolarada, meu pai decidiu levar-me ao estádio para assistir ao jogo entre Corinthians e Fluminense. Naquela época, eu não fazia ideia de que esse momento seria um divisor de águas, moldando profundamente meu espírito para sempre.

Embora a partida tenha terminado em um empate de 1x1, o que mais impactou meu coração naquele dia não foi o resultado do jogo em si. Sentar-se próximo à torcida organizada do Corinthians foi como uma imersão na fervorosa atmosfera do futebol. Pude sentir a pulsação das arquibancadas, uma energia coletiva que transcendia simplesmente a competição esportiva.

Aquela experiência no estádio me conectou de forma indelével com o verdadeiro espírito corinthiano. Foi ali, naquele cenário esportivo, que senti pela primeira vez a intensidade da torcida, a alma dos verdadeiros amantes do futebol.

Desde aquele dia, tornei-me um corinthiano de espírito. Ser corinthiano para mim é mais do que apenas apoiar um time, é incorporar seus valores. Assim como a torcida que jamais desiste, que apoia incondicionalmente, adotei essa garra, essa lealdade e a trouxe para a minha vida, vivendo e respirando o espírito alvinegro.

Ser corinthiano vai muito além das quatro linhas do campo. Para mim, é uma fonte de inspiração na minha jornada pessoal. É ter a força para nunca abandonar meus princípios e paixões, é dedicar-me por inteiro a tudo o que faço, assim como um verdadeiro torcedor corinthiano nunca desiste de apoiar o seu time.

E como diz o canto da torcida: "Corinthiano, maloqueiro, sofredor, graças a Deus". Essa frase vai além dos estádios, é uma expressão de devoção, perseverança e gratidão que ressoa em cada desafio que a vida me apresenta. Ser corinthiano é mais do que torcer por um time, é viver com a alma marcada pela inabalável força e paixão que somente os verdadeiros fiéis possuem.

Meu Time? Guarani!

Ana Beatriz Araujo Isola

De todos os clássicos que eu poderia ser fruto, honrei as raízes paulistanas e nasci de um Derby, que, modéstia à parte, é o único clássico em que ainda há uma grande rivalidade. Minha mãe é corintiana roxa, daquelas que não usam a cor verde e sabe a escalação do mundial de 2000 de cor. Por outro lado, meu pai é palmeirense obcecado, era da Mancha Verde e queria colocar o nome do meu irmão de César em homenagem ao César Maluco. Arrisco dizer que “O Casamento de Romeu e Julieta” se inspirou na história dos meus pais.

Em casa o assunto futebol sempre foi e é uma pauta, seja nos almoços de domingo ou nas conversas cotidianas. “Será que o Santos cai?”, “Quem joga hoje?”, “Quantas rodadas faltam para o fim do brasileirão?” são perguntas que fazemos com fervor semanalmente, assim como a clássica situação do meu pai vibrando a cada gol do Palmeiras e minha mãe roendo as unhas e soltando um "Vai Corinthians!" com toda a força de sua devoção. Dia de futebol é sagrado em casa, ou seja, se alguém passa na frente da televisão em horário de jogo com certeza levará uma almofadada, mas, embora exista a rivalidade caseira, o futebol acaba nos unindo, se torna um programa familiar e, na maioria dos casos, a tal rivalidade termina em risada e pizza.

Como já disse, eu e meu irmão somos filhos de um Derby e, embora até certo ponto seja divertido, às vezes é mais estressante do que parece. Quando você escolhe o time que irá torcer normalmente há uma influência dos pais… bem, no nosso caso essa influência era um pouco complexa. Meu irmão, mais velho que eu, sofreu mais. Dizem que ele sempre ganhava camisas do Palmeiras e do Corinthians de presente e que meu pai o vestia com a do verdão e minha mãe com a do timão. Conforme cresceu e entendeu um pouco mais sobre futebol, paixão da torcida, decidiu que torceria para os dois: seria bandeirinha, café com leite. Mas, pelo que contam, meus pais não gostaram muito da ideia e minha mãe continuou vestindo-o com a camisa do Corinthians e meu pai com a do Palmeiras e isso aconteceu até o momento que ele chorou. Sim. Meu irmão chorou pois se sentiu pressionado na escolha do time. Ao ver essa cena, diz minha mãe que parou

de insistir para que virasse corintiano, mas, meu pai deu aquela última insistida e surpresa: ele virou palmeirense, até hoje.

E quanto a mim? Bom, até mais ou menos meus 10 anos torci para o Bugre, tinha as mesmas cores do Palmeiras, mas não era de fato o Palestra. Ou seja, consegui agradar os dois lados do clássico paulistano caseiro. Você deve se perguntar se eu, de fato, torcia e a resposta é: sim! Meus pais me levaram algumas vezes para assistir jogo no *Brinco de Ouro da Princesa* mas, acabei trocando de time. Troquei o verdão do interior pelo verdão da capital para tristeza de minha mãe e alegria de meu pai. Mas apenas aqui entre nós, ainda sei o hino do Guarani e tenho os ingressos dos jogos que fui guardado.

Hoje, quando olho para trás, percebo que essa jornada futebolística não é apenas sobre gols e títulos, mas sobre os laços que se fortalecem em meio a rivalidades. Somos uma família que, mesmo dividida por clubes, permanece unida pela paixão que transcende as cores das camisas e os resultados dos jogos. E assim, o Derby familiar continua a ser escrito a cada temporada, recheado de emoções, risadas e, é claro, uma boa dose de rivalidade saudável. Afinal, somos um Derby familiar.

O Dia que Escolhi SER Palmeiras

Bruno Galindo Voltolini

O futebol está presente na minha vida, assim como na de quase todos os brasileiros, desde o meu nascimento. Ele faz parte da identidade de quem nasceu ou mora no Brasil e uma das primeiras perguntas que fazemos quando conhecemos alguém é a famosa: “Para qual time você torce ?”. A minha resposta sempre foi a mesma, torço para o Palmeiras. É sem dúvidas algo que faz e sempre fará parte de quem eu sou. Como disse o saudoso jornalista Joelmir Beting “Explicar a emoção de ser palmeirense a um palmeirense é totalmente desnecessário. E a quem não é palmeirense, é simplesmente impossível”. Apesar de acreditar fielmente na frase, nessa crônica tento explicar, para o palmeirense ou não, o dia que eu escolhi o Palmeiras para torcer.

Demorei alguns anos para escolher o Palmeiras, é verdade, porém o Palmeiras me escolheu desde o meu primeiro suspiro. Minha família por parte de pai, toda palmeirense, não me deu escolha a não ser torcer para o verdão. Minhas primeiras roupas foram do Palmeiras, as minhas primeiras palavras, além de papai e mamãe, foram Palmeiras. É fácil perceber que não tive outra opção.

É fato, o Palmeiras me escolheu, mas seria lógico que eu não o escolhesse. Pode não parecer, por causa dos anos recentes de sucesso, mas já sofri muito com esse time. Justamente no meu ano de nascimento (2002) o Palmeiras foi rebaixado pela primeira vez, e dez anos depois em 2012 foi rebaixado pela segunda vez. De 2002 até 2014 não havia muitos motivos lógicos para torcer para o Palmeiras, mas o futebol e a lógica (quase) nunca andam juntos.

Foi então na final do campeonato paulista de 2008 que meu pai e meu tio apareceram em casa com dois pares de ingressos para irmos ao estádio. Confesso que fiquei animado pois nunca tinha ido ao estádio antes. Era o 2º jogo da final entre Palmeiras e Ponte Preta. O jogo foi um show, o Palmeiras goleou a Ponte por 5 a 0, com três gols de Alex Mineiro e um do meu ídolo Valdívia.

O leitor pode estar se perguntando “Nossa, mas escolher um time depois do título é fácil!”, mas garanto que seria palmeirense até se a Ponte Preta ganhasse de 5 a 0. Isso porque não escolhi o Palmeiras pelo resultado, já havia escolhido antes de entrar no

estádio. Ao ver aquela multidão de verde no caminho do estádio, os tambores e gritos da torcida organizada lembro-me perfeitamente da minha alegria e do meu sentimento de pertencimento com aquele grupo. Ali mesmo sem perceber já tinha de fato escolhido o Palmeiras. Ao entrar no estádio, ver o antigo Parque Antártica pulsando, a grama verde da mesma cor do uniforme do time da casa, ali sim tive a certeza, não ESTOU Palmeiras, eu SOU Palmeiras. E assim foi, seja no rebaixamento, seja nos títulos da Libertadores, o sentimento é o mesmo, o choro é o mesmo e o grito é o mesmo “Eu SOU Palmeiras sim senhor”.

Santos, Campeão da Libertadores 2011

Enzo Moraes Fantini

A poeira ainda assentava no gramado do Pacaembu quando o menino de 11 anos, vestido com o manto sagrado do Peixe, olhava incrédulo para o espetáculo à frente. Braços levantados, lágrimas misturadas ao suor, gritos que se perdiam em meio a uma sinfonia de fogos de artifício.

Eu, com a camisa dez às costas, sentia cada vibração daquela noite histórica. Como se cada chute, cada passe, cada defesa fosse desenhado nos céus por uma mão divina, ditando o destino glorioso daquela equipe.

Neymar dançava com a bola aos pés, Ganso orquestrava o meio-campo, e Elano, com a precisão de um maestro, guiava os movimentos. A cada gol, o estádio pulsava – um coração batendo ao ritmo do futebol arte.

E quando o apito final soou, marcando o triunfo sobre o Peñarol, o menino dentro de mim, junto com milhares de almas santistas, sabia que estávamos presenciando o renascimento de uma lenda. O Santos, meu Santos, estava no topo da América novamente, tecendo mais um capítulo dourado na rica tapeçaria de sua história.

Corríamos, abraçados, cantando o hino que nos unia, que ressoava em cada canto da cidade costeira. Naquele momento, os onze anos de vida pareciam pouco diante da imensidão da alegria que sentia. Era a celebração de uma geração, a redenção de um clube, a festa de um povo.

E assim, entre emoções e cânticos, a criança que fui entendeu o poder do futebol de unir tempos, gerações e corações. Naquela noite, às estrelas de uma São Paulo festiva, o menino eternizou seu amor pelo jogo, pelo time, pela magia do futebol.

Verde Tarde

Fábio de Araújo Santos

Não poderia ser um domingo mais ordinário, a igreja, o barulho da panela de pressão, a música vindo da casa da vizinha, a feira, as velinhas e nenhuma expectativa que algo escapasse da ordem natural das coisas .

Durante minha infância ser torcedor do Palmeiras era um dos maiores calvários. Cada torcedor como um Cristo re-crucificado seguia aquela anti-academia com a certeza do vexame. Rebaixamentos, derrotas vexatórias, jejum e todos tipos de piadas no ambiente escolar. Por sadismo ou identificação, eu era cada vez mais apaixonado por aquele time. O único resquício dos tempos das glórias estava na sala do meu avô. Em nossas visitas anuais à cidade de Saloá, em Pernambuco, víamos o quadro do Palmeiras de 93 na sala, e a cada visita, o quadro ficava mais apagado e feio. Meu avô dizia que aquele era o retrato do time. Tal como um Dorian Gray tupiniquim, o Palmeiras ia perdendo sua beleza no mesmo ritmo do quadro..

Essa sequência de paixão não correspondida foi quebrada em um domingo qualquer. Não por um grande craque internacional ou título, mas por uma visita inesperada ao Palestra Itália. Toda rua até umas décadas atrás tinha o seu bêbado oficial, e por obra do acaso, meu destino foi mudado por um desses. Neste domingo ordinário ouvi que um dos contínuos do bar iria para o Palestra Itália à tarde ver Palmeiras e Flamengo. Por se tratar de um tio de um amigo meu, me senti no direito de pleitear uma vaga naquele escrete. Nosso maratonista etílico aceitou a minha entrada de cara. Como em uma explosão de gol sai pela rua gritando sem rumo. Mas como em uma revisão de var, lembrei que ainda teria que passar pela maior das zagueiras, a minha mãe. Com toda uma estratégia montada, fui prometendo os maiores absurdos em troca de ver o meu time pela primeira vez. Ela aceitou de primeira, e até hoje não tenho uma explicação concreta sobre isso, e prefiro deixar esse nó desatado.

Eu, Marquinhos e o filho dele seguimos o caminho de ônibus até o Palestra Itália. E a partir daquele momento tudo era pequeno e só o jogo importava. Chegando nas intermediações do estádio vi aquela multidão verde. Pela primeira vez na vida me senti identificado com algo. Aquela massa verde era parte da minha paixão insensata. Depois

de comprar os ingressos, subimos para a glória. Uma ferradura toda em verde branco, sendo banhada pelo sol, tudo foi se tornando grande demais. Depois de algum tempo consegui direcionar meu olhar para o campo. Como no último ato de um ator veterano vi o Edmundo jogar pelo Palmeiras. E que partida o animal jogou, fez tudo que poderia ser feito: dribles, assistência e gol. Ele carregava a bola com uma classe que não combinava com sua tez enlouquecida. O que por certo bagunçava os rivais. Quando toda essa humilhação termina, a torcida canta: “Au Au Edmundo é animal!” Que sinergia fabulosa entre indivíduo e coletivo. Naquele momento eram 20 mil pessoas esquecendo de tudo ao redor para viver aquela tarde verde.

E lá se passam 18 anos desse acontecido e a cada manhã de derrota eu me lembro porque amo eternamente essa instituição gloriosa e errática.

A Competição

Fernando Uchôa do Rêgo Barros Filho

A competição de natação em Salgueiro estava prestes a começar e a ansiedade estava à flor da pele. Os atletas, seus familiares e treinadores se reuniram cedo em frente à piscina municipal, aguardando o ônibus que os levaria até lá. A viagem estava marcada para começar cedo, mas como a maioria dos eventos esportivos, imprevistos sempre acontecem. Naquela manhã ensolarada, enquanto todos estavam se preparando para embarcar no ônibus, um dos atletas, Fernando, estava ocupado pegando suas coisas no carro. Infelizmente, a pressa o fez cometer um erro inesperado. Ao fechar a porta do carro, ele bateu o dedo mindinho, causando uma dor aguda que fez com que soltasse um grito involuntário.

O resultado da batida não poderia ser mais claro: sua unha ficou roxa instantaneamente. Fernando não estava nada contente com aquela surpresa indesejada, mas não tinha tempo a perder. Com um pouco de esforço conseguiu se acalmar e se juntar ao grupo no ônibus. A viagem para Salgueiro transcorreu com uma mistura de emoções. A paisagem do interior de Pernambuco passava rapidamente pela janela e a tensão no ar era palpável. A dor no dedo de Fernando não o abandonava, mas ele manteve sua mente focada no que realmente importava: a competição.

As provas de natação se desenrolaram, e Fernando deu um show na água, superando a dor e nadando com garra. Ele não deixou que o incidente com o dedo afetasse seu desempenho. No final do dia, para a surpresa de todos, conquistou a medalha de prata em sua categoria. A vitória foi ainda mais doce porque Fernando soube superar as adversidades. Sua unha roxa e dolorida serviu como um lembrete constante de sua força e determinação. A competição de natação em Salgueiro não foi apenas um evento esportivo, mas uma lição de perseverança e superação para todos os envolvidos.

À medida que a equipe voltava para casa no ônibus, todos estavam exaustos, mas também cheios de orgulho. Fernando, com sua medalha de prata brilhando, sorriu ao pensar na jornada que o levou até ali. A viagem a Salgueiro pode não ter sido perfeita, mas provou que, às vezes, as dificuldades podem tornar as conquistas ainda mais especiais.

Escolhas Além das Quadras

Gabriela Oliveira

Na minha infância o handebol não foi um esporte qualquer; fez parte de uma jornada que me ensinou muito sobre comprometimento, determinação, trabalho em equipe e autodescoberta. Me lembro do dia em que entrei para o time de handebol de Itapevi. Era um time muito bom, no qual cada jogadora era movida por muita determinação, uma energia contagiante que me incentivava a superar desafios.

Nos treinos com a orientação do nosso técnico, Douglas, aprendi não só as técnicas da modalidade, mas também a importância da disciplina e do comprometimento. Cada movimento e cada passe era pensado para nos transformar em jogadoras estratégicas. No entanto, apesar do amor que estava desenvolvendo pelo esporte e do orgulho que sentia ao vestir a camisa do time, cheguei a um ponto em que precisei tomar uma decisão difícil. Enquanto as outras garotas do time sonhavam em seguir carreira no handebol, eu percebi que minha paixão por outras atividades também estavam se destacando. Eu precisava fazer uma escolha. Decidir deixar o handebol não foi fácil, houve momentos de muita incerteza, mas também houve um entendimento de que, às vezes, precisamos abrir mão de algo que amamos para descobrir outras partes de nós mesmos. Com a minha decisão de abandonar aquele esporte, não estava abandonando uma paixão, mas sim abrindo espaço para novas experiências e interesses.

Essa decisão não apagou as memórias especiais que compartilhei em quadra e tudo o que aprendi com o Douglas. Vou me lembrar para sempre dos jogos intensos, das vitórias celebradas com abraços e das derrotas enfrentadas com sentimento de gratidão pelo aprendizado. Cada momento em quadra contribuiu para formar um pouco de quem eu sou hoje, me ensinando a importância do esforço e da capacidade de fazer escolhas que reflitam minha vida além das quadras. Descobri outras paixões que me levaram a caminhos igualmente gratificantes, mas o handebol sempre será um capítulo precioso da minha infância. Hoje, olhando para trás, vejo essa decisão não como um adeus ao esporte, mas como um passo corajoso em direção ao autoconhecimento, me mostrando que, conforme meus pais sempre me ensinaram, as melhores e maiores lições costumam vir das escolhas mais difíceis que precisamos fazer.

Memórias que Ficam

Gabriela Ramos Rezende

Ansiedade, entusiasmo e empolgação. Palavras que descreviam meus pensamentos observando o “tique taque" do relógio. Finalmente ele marcava uma hora e quarenta e cinco minutos, momento de sair de casa correndo para a famosa aula de karatê do Colégio Harmonia. Nesse dia em específico, aconteceria o que, para nós, era um marco na turma do quarto ano: a decisão da rivalidade épica dos meninos contra as meninas. Eu, como boa representante do time feminino, não deixei o desafio passar, saí vitoriosa do exercício de combate e ganhei o que todos queriam: o respeito e a moral.

Nosso grupo era seleto. Liderando a contagem, Nicolas se vangloriava por saber pronunciar cada número em japonês, mesmo quando todos tinham aprendido. Com movimentos calculados, Isabelle mostrava toda sua técnica do *Gyaku-zuki* ao *Gedan-Barai*. Sempre focado, Luiz encarava o professor alternando entre posições ao tentar imitá-lo, mas sempre se desequilibrava. Júlia, por outro lado, trocava de posições nos momentos perfeitos da contagem. Caio era um mistério, aclamado pelo professor, colocava toda sua força na execução. Por fim, restava eu. Ágil, gostava de absorver cada dica do Sensei, apesar de forte, esse elemento nunca foi o meu diferencial, mas o poder de observação nunca deve ser subestimado, ou talvez eu esteja sendo generosa demais.

Tudo era decidido no final da aula quando tínhamos a oportunidade de treinar o combate corpo a corpo usando o conhecimento absorvido. A quadra se calava, prestando atenção. Os tatames forneciam a amplitude necessária para os movimentos: um campo de batalha. Ressoando nos quatro cantos do ambiente, ouviu-se a voz de Caio:

– Escolho a Gabi como adversária.

O simples objetivo era derrubá-lo no tatame. “O que pode dar errado? Eu que não vou fugir”, pensamentos fugazes da minha mente. Pronta pra tudo encarei meu oponente, foco nos olhos. Um rápido olhar para a direita e tive minha confirmação. Ataquei pela esquerda posicionando rapidamente o pé atrás de sua perna e joguei seu corpo para trás. Um segundo silencioso, o menino mais forte estava no chão.

Naquele dia as comemorações foram fartas. Cada menina me abraçava, todos os meninos me davam “soquinhos” e Caio encheu-se de admiração. Depois do término da

aula toda a galera passou a se reunir na calçada papeando sobre qualquer coisa enquanto o barulho das buzinas de São Matheus se misturavam com as gargalhadas. Então, deu-se início a uma nova tradição, o que me faz pensar que talvez os melhores momentos tenham sido proporcionados pela conexão, amizade, comprometimento e disciplina aprendidas no esporte.

Hoje, as calçadas estão vazias e as buzinas prevalecem, as aulas de karatê foram substituídas por tardes monótonas. Caio não é mais um oponente nos tatames e eu não sou mais uma lutadora ágil. O tempo passa e a vida se modifica. Mas as memórias são eternas.

Adeus, BIFE!

Gabriel Martinez Santamaria

Na última semana vivi o meu quarto e provavelmente último BIFE (Interfaculdades Esportivos da USP). Por mais que eu esteja cansado de passar por desafios e conformado com o fim iminente da minha breve "carreira" como atleta universitário, não pude deixar de pensar nos momentos de saudade que iria sentir quando deixasse as quadras. De passar quatro dias com pessoas queridas, pouco sóbrias e experimentar coisas que só um evento desse tipo é capaz de proporcionar.

O handebol preencheu uma lacuna significativa na minha vida universitária. Quando entrei em quadra pela primeira vez em um BIFE não conseguia entender como alguém poderia enjoar disso. Sentir a adrenalina de jogar um clássico contra a FFLCH (e perder), ver nossa torcida vibrar com um gol, ouvir a torcida da Barra Noia nos xingar e entoar seus cantos ao ritmo característico argentino. Por fim, abraçar a torcida, os adversários e os colegas de time. Todos com cerveja em mãos e rindo do que acabara de acontecer minutos antes.

Esse sentimento me fez sentir em casa novamente depois de deixar minha cidade natal e, com certeza, direcionei meus objetivos mais para o esporte do que para qualquer outra coisa. Prometi a mim mesmo que conquistaria os cinco títulos possíveis e ainda seria convocado para a seleção da USP. Uma doce ilusão. Acabei com apenas um título, dois vice-campeonatos e a convocação. Pode parecer frustrante, mas, mesmo sem o reconhecimento por defender por tanto tempo as cores da faculdade, me sinto feliz por ter honrado a minha própria promessa.

Coincidentemente, encerro essa história no mesmo BIFE, contra a mesma FFLCH, com a mesma torcida, na mesma semifinal, com a mesma derrota, os mesmos colegas, o mesmo alojamento e na mesma cidade. Não é o enredo mais vitorioso, mas, com certeza, é muito gratificante começar e encerrar um ciclo da mesma forma e vivenciar a própria evolução de mentalidade. Esses momentos vão deixar saudades.

Esporte e Espírito: Me Redescobrindo em um Time na Graduação

Gabrielle Gentile

No início da minha graduação, almejava fazer parte do time de basquete da Atlética da minha faculdade. Contudo, quase dois anos após integrar o time, diversos fatores, principalmente o horário noturno dos treinos, forçaram-me a abandonar o esporte que tanto amava.

Apesar de nunca ter anunciado oficialmente minha saída do basquete, a frequência decrescente dos treinos denunciou meu afastamento. Sentindo a necessidade de diversificar minhas experiências, pois o basquete fazia parte da minha vida desde os dez anos, resolvi explorar novos esportes. Incentivada pelo meu namorado, que questionou por que não tentava algo mais desafiador, e após conversas com colegas do *rugby*, incluindo uma colega de sala dele que era a diretora da modalidade, decidi dar uma chance, até porque os treinos ocorriam em horários que me eram mais favoráveis. A atmosfera do primeiro treino de *rugby* foi reveladora; pela primeira vez em muitos anos me senti integrada a um time.

A partir de então, os treinos de *rugby* passaram a ser momentos de muita alegria. Era um ambiente onde me sentia acolhida, onde meus erros eram compreendidos e onde todas se esforçavam, em busca de melhoria contínua. No entanto, comecei a faltar aos treinos, assim como acontecera com o basquete. Como muitos na faculdade, eu lutava – e ainda luto – para conciliar atividades extracurriculares, estudos e esportes. Fazer uma pausa no *rugby* tornou-se essencial para equilibrar minha vida, o que, infelizmente, evoluiu para uma desmotivação crescente em relação aos treinos.

Quando decidi retornar aos treinos, voltei pelo respeito e consideração às minhas colegas de time, o que ocorreu inconscientemente, já estava planejando me despedir das mesmas e não voltar mais aos treinos. Contudo, escolhi um momento conturbado para voltar, o que intensificou meu desejo em sair. Para meu azar, uma circunstância inesperada me manteve vinculada: estávamos às vésperas dos jogos universitários e precisavam de mim para seguir na competição.

No dia dos jogos, minha relutância era imensa. Além de estar desacostumada com as regras e o jogo físico do *rugby*, devido à minha ausência nos treinos, enfrentei o desafio

de chegar em Santo Amaro às 7 horas, sendo que eu morava do outro lado da cidade. Contra todas as minhas expectativas, fui escalada como titular no primeiro jogo, o que me deixou com vontade de largar tudo e sair correndo. Após dois jogos exaustivos, onde a falta de preparo físico e tático me castigava, o treinador finalmente me colocou como reserva, permitindo-me recuperar o fôlego.

Contudo, apesar das adversidades, algo mudou em mim naquele dia. Entre os jogos, redescobri o espírito de equipe que não sentia desde os tempos áureos em que jogava basquete. O apoio incondicional das minhas colegas, a solidariedade e o cuidado mútuo me fizeram recordar os motivos que me levaram a aderir ao esporte na graduação. Não se tratava apenas de alocar tempo para jogar, mas de fazer parte de uma comunidade onde confiança e segurança me permitiam ser quem eu realmente sou. E assim, ao relembrar dos motivos que me fizeram entrar no time, decidi permanecer no mesmo.

O Inesquecível 7 a 1

Guilherme Pereira dos Santos

Cedo ou tarde, os momentos em que somos postos à prova para saber em quais áreas da vida teremos ou não vocação um dia chegam. E para mim, esse dia chegou de forma um pouco dolorosa e precoce no futebol.

Hoje, olhando do lado de cá, a rotina daquela criança de 12 anos era de dar inveja. Durante a semana, a maior preocupação era que chegassem logo os dias do treino de futebol de campo com a molecada do bairro. Durante o treino, nas manhãs de terça e quinta, a resenha era muito melhor do que a de muitos clubes profissionais hoje em dia. Apelidos, pegadinhas e boas risadas não faltavam nunca. Inclusive, guardo até hoje com muito carinho o meu apelido, "o Frajola", por conta da franja cacheada. Lateral direito de ofício, após péssimas atuações como volante, minha memória, talvez generosa demais, guarda bons lances de cruzamentos, interceptações e muita correria na beirada do campo de dimensões reduzidas, onde treinava aquele bom time do sub-12.

Ainda que no fundo tudo não passasse de uma brincadeira organizada, todos daquele time sonhavam em ser convocados para os jogos de confraternização com outras escolinhas de futebol da cidade. Era a maior oportunidade para se destacar e mostrar suas qualidades. Para alguns, era a chance de ganhar uma bolsa nas escolinhas de futebol de grandes clubes e seguir o sonho de jogar profissionalmente. Na semana que antecedia aos festivais, Miltão – nosso treinador – vinha com a lista dos convocados para o jogo no final de semana. Após algum esforço, minha oportunidade veio finalmente, e seria no próximo sábado, contra o Corinthians sub-12 da cidade.

No grande dia, minha expectativa para aquele jogo era a maior possível. Era um sábado ensolarado e, por algum motivo, meus tios resolveram fazer um churrasco e convidar todos para um almoço. Após fazer um belo banquete, acionei meu irmão para que me levasse ao jogo e, como era de se esperar, ele convidou todos meus primos para irem junto. Mas chegando lá, ao me deparar com todas aquelas pessoas – pais, crianças, treinadores e juízes – meu estômago embrulhou e minhas pernas pareciam mais bambas que um fio.

Como é de se esperar, o resultado não foi nada bom. Na hora do jogo o campo estava completamente preenchido pelos adversários, que aparentavam serem muito maiores e mais fortes. Meus pés pareciam ancorados ao chão. Para atrapalhar mais a situação, meu irmão começou a gritar e a me cobrar a cada minuto da partida. Resultado: 7x1 para eles e um gosto amargo de derrota, coroado por uma medalha de honra ao mérito e muitas gozações dos meus primos no caminho da volta. Acho que essa foi uma das piores partidas da minha vida, e olha que a lista é grande. Mas o pior de tudo foi o sentimento momentâneo de fracasso, de uma coisa que eu acreditei que poderia dar certo por um instante, mas que a vida me mostrou que não era para mim. Depois disso, os treinos não foram mais os mesmos e, em algum momento, tiveram que acabar para dar lugar a outras responsabilidades. O futebol, então, passou a ser um lazer aos finais de semana.

Hoje em dia, guardo muitas saudades daquela época e vejo que fiz a escolha certa ao não insistir em algo que me tiraria outras tantas oportunidades, ainda que muitos outros "7x1" viessem pela frente.

Minha Primeira Vez no Estádio

Guilherme Nunes Naufal

Em uma noite de sábado frio, quinze de agosto de dois mil e quinze, às vinte e uma horas, tudo parecia perfeito para não fazer absolutamente nada, apenas relaxar na cama assistindo a alguma série ou filme. Certo? Errado. O garoto de 11 anos mal sabia, mas estava prestes a realizar o sonho de ver seu time do coração jogar no estádio.

Naquele dia, antes do jogo, não consigo recordar exatamente o que estava fazendo quando recebi a notícia. No entanto, lembro-me claramente da imensa felicidade que invadiu meu coração naquele momento. Eu não conseguia parar de sorrir, imaginando como seria a experiência. A ansiedade começou a tomar conta do meu corpo.

Coloquei a roupa de inverno do São Paulo Futebol Clube e fiquei de olho no relógio, cujo ponteiro parecia se mover mais devagar a cada segundo. Eu conseguia ouvir o tique-taque do relógio, ecoando lentamente no meu quarto. Batia o pé rapidamente, meu coração acelerava a cada batida. Até que, finalmente, esse turbilhão de sentimentos foi interrompido pelo som do telefone. Era meu avô do outro lado da linha, dizendo que era hora de irmos.

Com uma agitação incontrolável, abri a porta e apertei rapidamente o botão do elevador. Eu não queria perder nem um segundo. No entanto, meu pai, com uma tranquilidade que parecia infinita, foi ao banheiro calmamente. Fiquei irritado, mas não havia muito o que fazer, afinal, ele estava com os ingressos. Depois de uma espera aparentemente interminável, finalmente entramos no carro. Meu avô, como de costume, sintonizou na estação de rádio que sempre tocava música clássica. Sentei-me ao lado da janela e comecei a observar a atmosfera que cercava o jogo.

À medida que nos aproximávamos do estádio, a sinfonia de músicas clássicas se transformou em um hino de guerra. Só era possível ouvir a torcida cantando com entusiasmo. Assim que chegamos, apresentamos nossos ingressos, encontramos nossos assentos e tiramos algumas fotos para registrar aquele momento especial.

Com os olhos brilhando de emoção, observei cada detalhe do aquecimento dos jogadores antes do apito inicial. Uivei para os jogadores adversários e gritei encorajamentos para os nossos. Após algum tempo, os jogadores saíram do aquecimento

e dirigiram-se ao túnel para cantar o hino nacional do Brasil. Escolheram seus lugares no campo, o juiz apitou, e durante o jogo sorri, cantei, gritei, comi, aplaudi, uivei, senti felicidade, mas também nervosismo.

Vivi um turbilhão de emoções e ações típicas de um torcedor em crescimento, aprendendo aos poucos o que é ser parte de uma torcida em um estádio. O resultado do jogo não foi exatamente o que eu esperava, mas ainda assim, não me arrependi. A partir daquele dia, percebi que amava sentir todas aquelas emoções. A lembrança daquela partida permaneceu eternamente no meu coração, como uma memória feliz ao lado da minha família, marcando o início de muitas outras experiências emocionantes no estádio.

Sorvete de Leite Condensado

Honoka Akashi

Verão quente. Verão úmido, como se estivesse em uma cesta fumegante. Essa é a melhor maneira de descrever o verão no Japão. Quando criança, eu não gostava muito dessa estação. Eu adorava brincar ao ar livre. Mas no verão o calor e a umidade às vezes me mantinham dentro de casa. Uma das minhas atividades favoritas nessa situação era ir à piscina com meu irmão duas vezes por semana. Essas são minhas lembranças das férias de verão.

O primeiro semestre terminou e as férias de verão começaram. Eu não gosto muito do verão, mas gosto das férias de verão. Exceto, é claro, pela enorme quantidade de deveres de casa. Nesta época, posso ver fogos de artifício e há vários festivais. Posso brincar com meus amigos e familiares favoritos. Era uma época feliz para mim. As escolas primárias japonesas oferecem aulas de natação e todas elas têm uma piscina que, durante as férias de verão, ficam abertas para as crianças. Assim, duas vezes por semana eu ia à piscina com meu irmão, que era quatro anos mais velho do que eu.

Íamos para a escola primária no carro dirigido por minha mãe, e ela nos dizia para ligar para ela quando terminássemos de brincar. Íamos para os vestiários, trocávamos de roupa e brincávamos juntos na piscina, que ficava cheia de pessoas. Às vezes, encontrávamos um de nossos amigos e nos separávamos. Naquela época, eu ainda não sabia nadar, então as únicas coisas que eu podia fazer na piscina eram brincar na água, flutuar em boias e observar meu irmão nadar.

Aquela repetição não era suficiente para mim, então um dia comecei a praticar natação. Uma amiga que eu encontrava com frequência na piscina já sabia nadar, embora tivesse a mesma idade que eu. Então, pedi a ela e ao meu irmão que me ajudassem a praticar natação. Mas eu não conseguia nadar.

Depois de ligar para minha mãe no telefone público do centro comunitário próximo, nós pegávamos os 500 ienes (15 reais) que ela nos dava e íamos até uma sorveteria próxima tomar um refrigerante e um sorvete de leite condensado, meu favorito nos dias em que ia à piscina. Na viagem de carro para casa, contava a história sobre como não conseguia nadar, e meu irmão disse:

– Nossa, você ainda não consegue?

E minha mãe respondeu:

– Do que você está falando? Você também não sabia nadar quando tinha a mesma idade.

Essa conversa era a minha vida cotidiana.

Meus pais conseguem nadar bem. E, claro, meu irmão também. Então pensei que eu também deveria saber nadar. Ia à piscina praticar, às vezes com a ajuda de minha amiga, e às vezes sozinha. Quando o calor foi diminuindo e as férias de verão estavam chegando ao fim, eu praticava natação como sempre, com a ajuda da minha amiga, e ela disse:

– Você deveria fazer isso aqui. Eu vou apoiá-la, apenas dê o seu melhor.

Tentei seguir o conselho da minha amiga, mas não consegui. Ela foi embora, e pensei “Não consegui nadar de novo hoje...”. Meu irmão me disse que íamos voltar para casa, mas eu disse, com uma voz um pouco triste:

– Irmão, não consegui nadar de novo…

E ele disse:

– Bem, tente agora!

Eu tentei, e finalmente consegui nadar. Fiquei tão feliz.

– Irmão, consegui!

– Ah, você conseguiu, parabéns!

Ainda não sei por que aprendi a nadar de repente.

Eu sempre tomo o mesmo sorvete, mas naquele dia o sorvete de leite condensado estava muito mais gostoso. Quando minha mãe veio nos buscar eu falei:

– Agora eu sei nadar finalmente!

– Que legal! Você pode comprar mais um sorvete! É um prêmio.

Dessa vez, comprei um sorvete com tangerina, que meu irmão sempre comprava.

Com o passar do tempo, eu ia à piscina e nadava cada vez mais, e não ia mais jogar com meu irmão. Quando cresci, consegui nadar o nado crawl e o nado peito. Mas não estava tão feliz quanto naquela época. Eu me lembro daquele verão. O ar quente e úmido, as piscinas barulhentas que eu frequentava com meu irmão e a alegria que sentia quando conseguia nadar.

Figuras que nos Guiam desde a Infância

Isabella Gargano

Meu pai sempre me apoiou nas minhas escolhas. Quando decidi aprender uma língua nova, ele me deu todo apoio com muito orgulho. Quando decidi que queria ser jornalista, ainda que achasse não ser o melhor caminho, me ajudou de todas as formas para que se tornasse realidade.

O seu verdadeiro destaque foi quando me apoiou em algo que eu nem sabia que queria, e continuou me encorajando ainda quando descobri gostar mas percebi não ser tão boa. Quando eu tinha 5 anos meu pai chegou em casa todo entusiasmado e me deu a foto de uma mulher desconhecida. Nessa idade não gostava de nenhum presente que não fosse brinquedo, quem diria um retrato de uma pessoa aleatória.

Percebendo minha falta de animação com a surpresa, ele fez questão de me explicar quem era aquela: Daiane dos Santos, a primeira mulher brasileira a ser campeã mundial de ginástica artística. Novamente, eu era muito nova e não entendia muito sobre o mundo, portanto também não sabia o que era ginástica artística, mas ser campeã mundial de qualquer coisa me parecia algo grandioso e emocionante. Guardei a foto com a assinatura daquela mulher, que passou de desconhecida para um ídolo, como se fosse meu bem mais precioso.

Seis anos se passaram e eu não acompanhava muito ginástica artística, mas já entendia um pouco melhor sobre o esporte. Porém, eu estava mesmo interessada em dança. Praticava há mais de 4 anos e cheguei a fazer várias apresentações e competições.

Quando fui para o sexto ano, minhas amigas da dança saíram do curso. Enquanto isso, todas as minhas amigas da escola que faziam ginástica artística falavam sobre o esporte durante metade do dia. Me senti excluída, e como toda boa maria vai com as outras decidi seguir minhas amizades, largar o *jazz* e entrar para a ginástica artística.

Apesar de hoje em dia acreditar que nunca é muito tarde para tentar algo novo, eu já tinha 11 anos, e não tinha exatamente o porte típico de uma ginasta. Me comparava com amigas que treinavam o esporte há anos. Achava a aula incrível, ainda mais quando usávamos os aparelhos, mas o sentimento de inferioridade me deixava cada vez mais perto de desistir do esporte.

Contando essas inseguranças para o meu pai, sobre como todo mundo conseguia fazer coisas incríveis enquanto eu não sabia nem descer na ponte, ele me lembrou do autógrafo da Daiane dos Santos, a atleta olímpica que eu nunca cheguei a ver pessoalmente, mas que se tornou uma referência pra mim, e como ela definitivamente não desistiu na sua primeira tentativa e teve que treinar muito para poder competir naquele nível.

Eu definitivamente não queria competir nas Olimpíadas, mas me apresentar junto às minhas amigas no evento esportivo da escola era o meu grande objetivo. Assim, por muitos meses eu voltava da aula, meu pai chegava tarde do trabalho e me ajudava ali mesmo na sala de casa a aprender alguns movimentos de ginástica com dicas da internet e um colchão meia boca de auxílio.

Confesso que não evolui muito, mas são momentos que guardo com carinho até hoje. Acabei competindo por dois anos, sempre longe de ganhar, mas os colãs coloridos com brilho, a adrenalina de me apresentar na frente das pessoas, os momentos compartilhados com minhas amigas e a refeição de comemoração com minha família depois das competições eram o suficiente para fazer com que eu amasse competir.

Com 14 anos ainda não sabia o que queria fazer da vida, somente que queria estudar em uma universidade muito boa. Então, mudei para uma escola mais exigente e tive que deixar a ginástica de lado, contentando-me em acompanhar as grandes estrelas através da televisão.

Anos se passaram, e em 2023 comecei a estudar jornalismo na USP. Não voltei para a ginástica artística propriamente, mas entrei para o time de Cheerleading da ECA. Apesar de continuar não sendo a melhor, voltei a nutrir meu amor por esportes com o *tumbling.*

Meu pai continua me apoiando em tudo. Quando trouxe o autógrafo que guardo até hoje, não tinha nenhuma intenção de me incentivar a gostar de ginástica artística, mas sim de ter como exemplo uma mulher de sucesso que se esforçava muito. E hoje posso definitivamente afirmar que tenho Daiane Santos como grande ídolo. E meu pai, além de meu maior torcedor, também é meu maior exemplo.

Memórias Atleticanas Contra o Vento

Julia Lopes Felitte

O ano de 2013 trouxe uma efervescência única para meu coração recém apaixonado por futebol. Acompanhar a Copa Libertadores junto à minha família em uma cidadezinha do interior nordestino de Minas Gerais se tornou para mim um marco que jamais vai ser esquecido, junto com a campanha do Atlético naquele campeonato.

Com 11 anos de idade eu me tornei uma fervorosa torcedora, e cada partida daquele torneio naquele ano se transformava em um evento especial na casa dos meus avós, tios e primos. Lembro-me muito bem dos gritos de empolgação dos parentes alvinegros a cada jogo, e dos de frustração por partes dos membros cruzeirenses que ecoavam na modesta sala de estar da casa na roça. Os mais velhos sentados no sofá enquanto um bando de jovens se distribuía no chão e em pé ao redor da (relativamente) pequena televisão. Uma família grande que minhas viagens à Minas sempre me trouxeram.

Aquela campanha foi com certeza uma montanha russa, de emoções e de placares, com tensões vividas ao extremo até o último apito do juiz por mim e por todos os torcedores mineiros – imagino também que até pelos não torcedores do Galo. Antes de toda a alegria das vitórias, a "Liberta" foi um período de muita angústia, já que o time perdia quase todas as partidas de ida fora de casa nas eliminatórias. E antes de cada jogo de volta, nós perdíamos um pouco da certeza de que poderíamos ser campeões mesmo.

O momento que considero mais importante nesse campeonato, antes do jogo da final, foi com certeza o finalzinho da partida contra o Tijuana, nas quartas. O jogo estava empatado em 1 a 1, placar favorável ao Galo para a classificação, e nos acréscimos do segundo tempo foi marcado um pênalti para o adversário. Tudo estava, possivelmente, acabado. O time mineiro que tinha tido até então a melhor campanha estaria, por fim, eliminado antes de chegar à semifinal. O cobrador do pênalti foi Riascos. Eu não tinha a menor ideia de quem ele era até aquele dia, nunca havia sequer escutado seu nome antes. E hoje, 10 anos depois, eu nunca mais esqueci deste nome. No momento da cobrança, todos estavam em silêncio. A casa dos meus parentes estava quieta, a vizinhança estava quieta, a arquibancada do Independência estava quieta, Minas Gerais estava quieta e

provavelmente, o Brasil estava quieto. Riascos realmente bateu bem na bola, mas o goleiro Victor defendeu com o pé esquerdo em uma imagem muito memorável na cabeça dos torcedores. Até hoje, gosto de reassistir o vídeo daquele lance com a narração de Osvaldo Reis, da Globo, um "*deeeeeeeeefendeu* Victor" dito com a emoção que todos nós, que antes estávamos em silêncio, sentíamos.

Aquela Libertadores me mostrou o que é ser torcedora do Atlético. É viver cheia de emoções e angústias por acompanhar o time, ter uma paixão, meio tóxica, talvez. Cada jogo é um capítulo imprevisível de uma novela bacana, cheia de *plots* e intercalados momentos de euforia.

Depois de muitos anos, voltei a sentir quase a mesma coisa que passei aos 11 anos de idade. Em janeiro de 2022, depois de ter ganhado o campeonato brasileiro de 2021, o Atlético jogou uma partida única contra o Flamengo na disputa da Supercopa. Vencer o Flamengo para mim era essencial, uma obrigação de honra. Aquela partida também será dificilmente esquecida. Eu a assisti dentro de um ônibus de viagem, voltando da pequena cidadezinha mineira de Malacacheta. O ônibus estava bem vazio e nós tentamos assistir ao jogo pelo celular de um funcionário da agência que cobrava as passagens. Lembro bem que o nome dele era Thulio. A conexão era bem ruim na rodovia e nós mal conseguíamos ver ou ouvir qualquer coisa durante os mais de 90 minutos de partida. O jogo foi muito bom, mas o que foi realmente marcante foram as disputas de pênaltis. 24 (vinte e quatro!) cobranças no total, 12 para cada lado, o que desafiou o coração e a sanidade de qualquer torcedor, atleticano ou flamenguista, que assistia aquilo, um momento sem fim. Chegando à Belo Horizonte e com o sinal da transmissão melhorando cada vez mais, fomos campeões. E de novo, aquele momento me relembrou como ser torcedora do Atlético Mineiro é uma experiência única. Um amor e orgulho pelo clube sentido como se eu o tivesse criado para o mundo desde de 2013, nas minhas primeiras memórias atleticanas.

Sou grata por ter vivido esses momentos especiais com o time, de maneira tão inesquecível e cercada por pessoas, como o cobrador da agência de ônibus, que naquele momento se tornam nossos melhores amigos eternos. Um eterno que dura poucas horas (20 horas de viagem para ser mais exato), mas que foi pra sempre enquanto precisou ser.

Eterna Santista

Julia Trindade Peres

Há momentos na vida em que o esporte transcende o jogo, tornando-se uma parte intrínseca de nossas memórias e identidade. Para mim, o Santos Futebol Clube sempre foi mais do que apenas um time de futebol. É uma herança, uma tradição que meu avô passou para mim e que, agora, ele agora luta para lembrar.

Na sala de estar, sob os retratos desbotados de conquistas gloriosas, meu pai e eu compartilhamos um silêncio carregado de saudade. O Santos, mais do que um clube, é um elo que une gerações, um legado passado de avô para pai, e do meu pai para mim. Desde criança, encontrei no futebol algo além do evento esportivo. Cada jogo se tornava uma oportunidade de aprender, admirar e me sentir cada vez mais parte da minha família. No meu círculo familiar, ser quieto é uma constante. Digo, sempre foi possível ser comunicativo, piadista e falante, mas tudo aquilo que tocava no pessoal, era um segredo que só pertencia a si. Contudo, era durante os jogos que tudo mudava. Diante da televisão, ou até mesmo do rádio do carro, o futebol me deu cada um dos 90 minutos mais sinceros ao lado, principalmente, do meu pai e do meu avô.

Gritos de indignação, elogios, tristezas, abraços, choros e cantos… eram ali, naqueles espaços efêmeros, que as barreiras se dissolviam. As palavras contidas durante o dia encontravam liberdade. O futebol, com sua capacidade única de unir e emocionar, tornava-se um catalisador de sentimentos represados, um idioma comum que todos na família compreendiam.

E foram nesses momentos que aprendi que tudo na vida pode ser esquecido, menos o amor. Esquecemos jogos, nomes, técnicos, até mesmo momentos. Mas o carinho, o amor por algo ou alguém sempre se mantém, de alguma forma, presente. Com o Alzheimer cada vez mais avançado, meu avô já não mais se lembra de mim, do meu pai, ou dos momentos que vivemos juntos. Mas é ali, naquele espaço único de um jogo, que agora o silêncio, à sua maneira, nos une. O assistir juntos, calados, mas com a certeza de que, apesar dos tropeços da mente, algo nos une novamente como pessoas que sempre se conheceram, e que compartilham um laço mais profundo do que as palavras podem expressar.

Nesses momentos, o futebol se torna um santuário onde as memórias se agarram às esperanças, onde as linhas do campo são traçadas não apenas pelo gramado verde, mas pelos traços do passado que insistem em permanecer. Meu avô, mesmo perdendo pedaços do que fomos para ele, ancora-se na tradição que hoje desconhece, mas que nos une como família. O Santos, em sua grandiosidade esportiva, transforma-se em um farol que ilumina as sombras do esquecimento.

A sala hoje é testemunha silenciosa de uma jornada que transcende as limitações da memória. O silêncio compartilhado entre nós torna-se um diálogo não verbal, uma troca de olhares que traduz a complexidade de sentimentos que habitam nossos corações. A partida em campo reflete a outra, aquela que travamos diariamente contra a progressão da cruel doença do esquecimento.

Agora, enquanto assistimos aos jogos, cada minuto se torna uma preciosidade, uma oportunidade de reconstruir pontes que a doença ameaça derrubar. O espetáculo esportivo ganha contornos de ritual sagrado, uma celebração silenciosa do amor que persiste mesmo quando as lembranças desaparecem.

O Santos, nosso fio condutor nesse tecido emocional, é mais do que um clube de futebol. É um testemunho vivo da persistência, da paixão que transcende o esquecimento. Nosso time, assim como o amor, resiste às intempéries, mantendo-se firme como uma âncora nos mares tumultuados da memória fragmentada. E é nesse universo singular do futebol que encontramos um refúgio, um espaço onde o silêncio, a persistência e a saudade se tornam símbolo máximo do amor ao meu clube, e ao meu avô.

Copa do Mundo de 2010

Jun Won Byun

A Copa do Mundo de 2010 na África do Sul foi uma das memórias mais emocionantes da minha infância. Eu tinha apenas 11 anos na época, mas o torneio de futebol trouxe à tona emoções. A partida entre a Coreia do Sul e a Grécia foi um dos momentos mais emocionantes daquele verão.

Naquele dia, minha família se reuniu na sala de estar, todos vestindo as camisetas vermelhas e azuis da seleção sul-coreana. Meu rosto estava pintado com as cores da bandeira, e eu segurava uma pequena bandeira do país com orgulho. Estávamos todos ansiosos para torcer nossa equipe e meu coração batia forte quando o juiz apitou o início da partida.

Quando a Coreia marcou seu primeiro gol, a sala explodiu em alegria. Gritos, pulos e abraços eram a ordem do dia. Parecia que o mundo inteiro estava torcendo por nós.

Mas a alegria logo se transformou em apreensão quando a Grécia empatou o jogo. Todos nós prendemos a respiração e olhamos ansiosamente para a tela. Eu sabia que os jogadores estavam lutando com todas as suas forças no campo e eu estava torcendo com toda a minha alma.

E então veio o momento que mudaria tudo. Park Ji Sung, nosso herói, pegou a bola no meio de campo e começou a driblar em direção ao gol grego. Meu coração parecia prestes a explodir de empolgação. Eu não piscava enquanto ele avançava com agilidade, deixando os zagueiros gregos para trás.

E com um chute certeiro, Park Ji Sung mandou a bola para o fundo das redes. A sala de estar explodiu em alegria! Gritos de felicidade, abraços e pulos de celebração preencheram o ambiente. Eu também pulei no sofá e gritei tão alto que minha garganta doeu. Era um momento que eu nunca esqueceria.

Ver nosso herói, Park Ji Sung, marcar aquele segundo gol encheu nossos corações de orgulho. Era como se ele tivesse marcado não apenas para a equipe, mas para todos nós, coreanos. Aquele momento de euforia e celebração era compartilhado por todo o país e eu sabia que estávamos testemunhando algo especial.

A vitória da Coreia sobre a Grécia naquele dia foi mais do que uma simples vitória esportiva. Foi uma experiência que me uniu ainda mais à minha família, à minha comunidade e ao meu país. Eu era apenas uma criança na época, mas entendi o poder do esporte em unir as pessoas e criar memórias inesquecíveis.

A Copa do Mundo de 2010 deixou uma marca indelével em minha infância. Ela me ensinou que, não importa quão jovem você seja, o esporte pode inspirar paixão, união e orgulho em seu coração. E para um garoto coreano de 11 anos, aquela partida contra a Grécia foi um capítulo especial em minha história.

O Dia que o Santos Salvou o Palmeiras

Larissa Pacheco Marcelino da Silva

07 de dezembro de 2014, Palmeiras 0, Atlético-PR 1, trigésima oitava rodada do Campeonato Brasileiro da Série A. Parecia mais um dia comum de futebol, mas para os torcedores do Palmeiras, em especial para o meu pai, aquela tarde seria inesquecível. Após uma temporada turbulenta, trocando de técnico quatro vezes, o clube alviverde lutava para evitar o pesadelo do rebaixamento para a Série B.

Desde a primeira rodada, meu pai, um torcedor fanático do palmeiras, vivenciou aquela temporada como uma verdadeira montanha-russa de emoções. Cada jogo era uma jornada de esperança e temor, e a tensão se refletia em seu rosto a cada partida. Chegar à última rodada com a possibilidade de cair ou permanecer na elite do futebol brasileiro era um teste supremo até mesmo para sua fé e paixão pelo time.

Ele conta que no estádio, a atmosfera estava eletrizante. A arquibancada estava repleta de torcedores fiéis, cada um segurando suas esperanças e temores. Ainda assim, a cerveja estava cada vez mais quente, o clima mais tenso e a atmosfera carregada de ansiedade. A companhia dos amigos e familiares era reconfortante, mas todos sabiam que aquele não era um dia comum.

O primeiro tempo foi recheado de tensão, com o Palmeiras sofrendo um gol. O time não parecia encontrar seu ritmo, as vaias ecoaram em todo o estádio.

Com a confiança da equipe abalada, o jogo continuou tenso.

Henrique, com seu esforço incansável, proporcionou uma defesa que evitou o pior. Mas a equipe ainda estava longe de mostrar o futebol que os torcedores esperavam. O empate parecia um resultado insuficiente, e a esperança estava longe de ser reacendida.

Com o apito final, o resultado de 1 a 1 persistia, e a incerteza pairava sobre o destino do Palmeiras na Série A. O coração do meu pai estava à flor da pele, enquanto aguardava o desfecho da partida do Vitória, o primeiro da zona de rebaixamento, com dois pontos a menos.

Em outro campo, o Santos enfrentava o Vitória em um jogo eletrizante. Era uma batalha em que o Vitória tinha a oportunidade de superar o Palmeiras na tabela e rebaixá-

lo. Os torcedores alviverdes acompanhavam com atenção, sabendo que tudo poderia mudar em questão de minutos.

E então, o Santos venceu o Vitória, garantindo a permanência do Palmeiras na Série A. A rivalidade histórica entre os dois clubes paulistas deu lugar a um momento de gratidão e alívio. Para o meu pai, as brincadeiras que surgiram após o episódio eram um testemunho do espírito esportivo, e a rivalidade cedeu espaço à solidariedade, reforçando a ideia de que, no futebol, as reviravoltas podem ocorrer quando menos se espera.

Verão

Laura Desuani Medeiros da Silva

Depois da entrega das atividades finais, leituras de portfólio e da temida reunião de pais e mestres, as férias de verão finalmente dão as caras. O verão sempre foi a minha estação preferida do ano, mas quando eu tinha os meus 9 anos de idade, ela tinha um sabor especial. Descer na praça do condomínio para brincar com as minhas amigas, viajar para a praia e sonhar com o patins roxo que minha mãe havia prometido me presentear de Natal.

Às nove horas da manhã de qualquer terça-feira ensolarada de dezembro, a Júlia me interfonava eufórica, perguntando:

– Oi, Lau! Quer brincar?

E eu, claro, não poderia negar. Estava sempre com fome de brincadeiras. Ela passava no meu andar, e assim íamos peregrinando de porta em porta, perguntando para as outras meninas se elas estavam afim de brincar. A gente juntava todo mundo: desde as crianças mais novas até os meus primos mais velhos para fazermos o verdadeiro corre-corre pelo condomínio. Cada um levava a sua bicicleta, patinete ou o seu maravilhoso par de chinelos pendurado nas mãos como uma luva, afinal era isso que dava o superpoder para corrermos mais rápido.

Ao chegarmos na pracinha, a parte mais difícil era escolher qual brincadeira seria eleita para brincarmos primeiro. Como sempre fomos muito democráticos, era na base do clássico “dois ou um” que escolhíamos entre polícia e ladrão, pega-pega (e as suas milhares variações), esconde-esconde e gincana. Raras vezes a gincana era escolhida, pois “dava muito trabalho” dividir os times, sondar brincadeiras e diferentes tipos de jogos esportivos, escolher as cores dos times, compor o hino de cada equipe, desenhar a bandeira e maquiar o mascote. Mas quando parávamos para nos debruçar e quebrar as nossas cabeças em nosso precioso tempo de férias, a gincana durava cerca de uma ou duas semanas. Eram semanas ardentes com direito a torcida organizada e confecção de pompons. O prêmio: balinhas conquistadas no *Halloween* do ano anterior.

Era com os nossos pés sujos de terra que voltávamos a nossas casas, ouvindo tenebrosos sermões sobre como não deveríamos ficar tantas horas sem comer ou ir ao

banheiro. A nossa conexão com o esporte foi o que nos moveu a querer brincar cada dia mais e aproveitar cada segundo das noites quentes de verão; fortalecendo a nossa amizade, criando

doces memórias, aprendendo umas com as outras a resolver conflitos, compartilhar ideias, sonhos irreais e gargalhadas acalentadoras. Tal força teve as nossas férias de verão que hoje, quase quinze anos depois, divido a vida com cada uma delas, ainda compartilhamos os nossos sonhos, brincamos e voltamos no tempo, relembrando daquele natal de 2009 que caí do meu patins roxo, descendo a rampa da pracinha.

Diretamente do Banco

Leonardo Penna

Eu era, assim como quase todos os pequenos brasileiros, um aspirante a jogador de futebol, que, assim como todos, demorou para perceber que não se tornaria, de fato, jogador. Porém, quando ainda acreditava, treinava e participava dos jogos da escolinha do meu bairro. Digo que participava porque não era o melhor dos jogadores, não tinha muita habilidade para jogar na frente e era muito mirrado para jogar de zagueiro (minha preferência), por isso sempre ocupava o banco.

Entre todas as vezes que assisti os jogos da beirada do campo, uma me marcou especialmente: a final do campeonato municipal sub-11. Era um domingo de sol, o jogo era às 16h, horário nobre do futebol brasileiro. Almocei com a minha família, mas não consegui comer direito pelo nervosismo, indo direto pro estádio logo após a refeição. Chegando no vestiário, recebi a notícia de que não começaria como titular, mas continuava animado pela tensão ali dentro. Aqueci normalmente com o time, vendo nas arquibancadas os pais fervorosos, ansiosos para observar (e palpitar sobre) seus filhos dentro das quatro linhas.

Com o apito inicial do juiz, ninguém mais respirava no banco, mandando energia para aqueles 11 meninos dentro de campo. O jogo começou truncado (pelo menos o máximo para crianças daquela idade), com nenhum dos times atacando e muitos gritos dos pais em direção aos técnicos e, é claro, ao árbitro. A única chance clara que tivemos foi nos pés do nosso centroavante, que infelizmente não me lembro o nome, mas era um ótimo “camisa 9”, depois de uma falta na entrada da área que rebateu em pelo menos meio time adversário, mas apenas passou ao lado do gol. Assim, com o placar em branco, iríamos para o intervalo.

A tensão era gigante enquanto ouvíamos o treinador dizer tudo que era necessário melhorar para a segunda etapa, uma mistura de confiança e medo tomava conta de todos. Para a surpresa de ninguém, não entrei para reiniciar o jogo, mas pude acompanhar novamente o pontapé inicial diretamente do banco, sentindo a mesma sensação que havia sentido no início do primeiro tempo, mas desta vez com um otimismo que sairíamos campeões.

O segundo tempo começou mais agitado, com chances para ambos os lados, mas que não incomodaram os goleiros. E, à medida que os chutes não entravam, a emoção foi só aumentando, até que, por um erro do zagueiro adversário, temos outra falta na entrada da área. A finalização foi direta, rasteira, no canto, mas com a defesa do goleiro… que apenas serviu para dar o rebote para o nosso centroavante, que, novamente, por injustiça da memória, não será nomeado aqui, abrir o placar. Todos saímos comemorando, compartilhando de uma felicidade coletiva, mesmo aqueles que quase nunca jogavam.

Logo após a reposição depois do gol, ouço do banco o treinador chamar meu nome para aquecer. Me levantei e junto de mim levantava uma esperança de jogar o jogo mais importante que eu vivenciara até então. Aqueci, dando trotes laterais, frontais, dando toques rápidos na bola, até que, faltando menos de 5 minutos para o final da partida, sou convocado para entrar, afinal precisamos segurar o resultado (era pequeno, mas ainda era zagueiro, não?). Entrei correndo para marcar o atacante adversário, mas a bola mal chegou nele durante o pouco tempo que sobrava, e prefiro acreditar que foi pela minha presença. Assim, sem nenhum toque meu na bola, o jogo se encerrou e fomos campeões, para delírios dos jogadores, comissão técnica e pais na arquibancada.

Sinto que, olhando em retrospectiva, aquele menino que praticamente não jogou e só observou tudo do banco nunca conseguiria ser jogador, mas naquele momento, após ser campeão, eu já era um.

Uma Infância na Garagem

Lina Tomie Tedesco Hayasi

Não havia nada mais desejado pelas crianças do Edifício Guimarães Rosa do que uma boa quadra para jogar futebol, queimada, vôlei ou qualquer outro esporte ou brincadeira que pudéssemos inventar. A famosa "Turma do Guima" até conseguiu gerar uma grande mobilização dos demais moradores para construir um projeto da quadra de esportes, mas acabou que não foi levado adiante. O que nos restava era a própria garagem, em que as linhas pintadas que delimitavam o espaço do carro eram nossas marcações do campo. O lugar passou a ser não só dos automóveis, mas também das crianças que só queriam um espaço para brincar.

E assim a turma se virava. Depois que todo mundo terminasse as tarefas e deveres de casa, bastava um interfonar para o outro, já que ninguém tinha seu próprio celular, fazendo a pergunta mais redundante e esperada da nossa tarde: "Quer descer lá 'pra' baixo?". Os meninos que tinham a bola, então sempre desciam com ela. Gol a gol era o jogo mais jogado por nós. A ordem de quem jogava era definida simplesmente por quem gritava primeiro. Era melhor de 5. Quem ganhava continuava jogando e o próximo vinha jogar no lugar de quem perdia.

Passávamos a noite brincando, suando e de pés descalços naquela garagem. Depois que cansávamos, íamos para a casa de alguém comer alguma coisa ou continuar com as brincadeiras com jogos de tabuleiros e cartas. Mas antes, fazíamos fila para lavarmos nossos pés encardidos no chuveiro, senão a bronca por melar a casa inteira era certa!

Lá também era espaço para andarmos de patins, skate, brincar das mais variadas brincadeiras infantis e, claro, não tinha lugar melhor para se machucar. Chutar ou cair no paralelepípedo já era de costume. O joelho de todos tem (ou: Todos têm no joelho, ou ainda: Os joelhos de todos têm) uma cicatriz até hoje de alguma vez que foi ralado naquele chão. Já tinha até uma torneirinha perto para lavarmos e tentarmos estancar aquele sangue.

E assim ficou marcada uma infância sem quadra, mas com a garagem do Guima. Cheia de crianças brincando, correndo, com inúmeras histórias de carro amassado, lâmpadas e portas quebradas, cabeça rachada na pilastra e bolas que iam parar no terreno

do vizinho. Já existia todo um ritual quando um carro entrava durante nossos jogos, era uma correria e gritaria, todos paravam e iam atrás da bola, para ter certeza de que não passaria por cima. Com o tempo, os carros foram dominando o espaço de novo, que antes era de altas risadas e diversão das crianças. Agora, nesse lugar resta uma calmaria e saudade.

Hoje em dia, a turma cresceu, cada um em um estado ou até país diferente. A nova leva de crianças que chegou no prédio não brinca mais lá embaixo, já são da era dos smartphones e não pensam em usar o interfone para chamar alguém. A garagem virou realmente somente um lugar para estacionar carros.

Esse Tal Esporte é Coisa Séria

Lucas Augusto Massei Fernandes

Muitas vezes parece que, de fato, nós brasileiros nascemos com alguma genética particular que nos leva a essa paixão, que como toda grande paixão, exige uma dose de irracionalidade. Como bom garoto brasileiro, certamente não fui diferente, o Sport Club Corinthians Paulista é, desde que posso me recordar, esse tão grande amor e uma verdadeira identidade que sempre me acompanhou. No entanto, se para a maioria o esporte representa essa paixão irracional, que sequer sabemos de onde vem, nem quando começou, para mim há um ponto de virada. O ponto que uniu os dois esportes que mais amo, o Futebol e a Fórmula 1, além de ser o momento definitivo que percebi: esse tal esporte é coisa séria.

O dia 02 de novembro de 2008 não foi um simples domingo, mas sim esse ponto de virada para aquele garoto. Já havia se tornado um hábito dos domingos assistir às corridas com meu pai pelas manhãs e tentar entender aquele esporte tão grandioso e glamouroso. Nesse dia, teríamos o clímax de uma temporada acirrada, seria disputado o Grande Prêmio do Brasil de Fórmula 1, a última etapa de um campeonato em que um brasileiro poderia, enfim, ser campeão, depois de toda a tragédia e as lamentações que marcaram a relação do brasileiro com o esporte a motor pós-1994.

A lógica seria muito simples, torcer para este piloto brasileiro, que enfim nos redimiria de tristezas e torcidas em vão, mas é justamente aí que entra a grande paixão. Felipe Massa, o piloto ferrarista, era um torcedor declarado do São Paulo Futebol Clube e um ano antes, no traumático 2007 do rebaixamento corintiano, o mesmo piloto havia dito em entrevistas como foi bom ver o rebaixamento e que aquele era um dia muito feliz para ele. Isso já foi imperdoável.

Como era costume aos domingos, iríamos almoçar na casa da minha tia, onde todos os primos se reuniriam, todos são-paulinos e naquele dia muito empolgados com o possível título de Felipe Massa. Eu e meu pai, contudo, ainda rancorosos pelas declarações do ano anterior, havíamos decidido: torceríamos por Lewis Hamilton, piloto inglês da McLaren, fã de Ayrton Senna e que, em sua segunda temporada na categoria,

brigava pela segunda vez pelo título, um ano antes havia perdido por um ponto de desvantagem.

Começa a corrida, uma sucessão de chuva e tempo seco marcava o dia, chegadas as últimas voltas Felipe Massa liderava e Lewis Hamilton era sexto colocado. Meu pai explica que dessa forma o brasileiro seria campeão, para nossa infelicidade, cercados de são paulinos e torcedores da escuderia italiana. Massa é o primeiro a ver a bandeira quadriculada com Hamilton ainda em sexto, uma explosão de comemorações, na casa de nossa tia e entre os torcedores e membros da Ferrari. A festa iniciada seria interrompida após alguns segundos, na última curva, da última volta, Hamilton havia passado o alemão Timo Glock, com a quinta posição conquistada venceria Felipe Massa por um ponto de diferença.

Ali, com meus sete anos, a paixão pelo Corinthians era reafirmada, como esse amor superava até mesmo um sentimento de nacionalismo e como por ele iríamos contra a corrente, além disso, minha lógica de criança apontava, se Hamilton tinha conseguido causar tamanho incomodo entre meus primos e em toda torcida presente no autódromo, ele tinha de ser muito poderoso, assim eu decido que a partir daquele dia torceria sempre por ele. Para minha felicidade, a história cuidou de torná-lo o maior vencedor da história da Fórmula 1 e o Corinthians, de volta a série A, dava os primeiros passos para sua era mais vitoriosa.

Realmente, só o termo paixão explica tudo que o esporte pode nos causar.

Uma Noite Épica, um Amor que Transcende

Lucas de Moraes

Eu e meu pai, Paulo, amamos o Corinthians, é uma coisa de família mesmo. Assistir aos jogos é quase um evento em casa.

A noite de 4 de julho de 2012 foi muito importante para nós e também para o Corinthians. Era Libertadores e estávamos lá, eu e meu pai na frente da TV, animados e com o manto sagrado.

Cada minuto deste jogo foi tenso, meu coração batia junto com o time. E com meu pai ali do lado, foi mais profundo ainda, um momento de união, de conexão. Quando o juiz apitou o fim do jogo e o Corinthians ganhou a Libertadores, não coubemos em nós mesmos!

A explosão de alegria em nossa sala de estar era indescritível. O grito contido por anos se transformou em um coro de vitória que ecoava pelos corredores da nossa casa humilde. Meu pai, com as mãos calejadas do trabalho como jardineiro, soltou um sorriso que iluminava mais do que qualquer troféu.

Aquela noite não poderia acabar sem um toque especial. Não resisti à tentação de ir à casa do meu amigo São Paulino, o Mateus. A rivalidade amigável que tínhamos se intensificou ainda mais após a vitória do Corinthians na Libertadores.

A gente ficou se olhando e, por um momento, pareceu que a rivalidade entre os times não importava tanto. O futebol tem esse poder, né? De juntar as pessoas, mesmo que sejam de times diferentes. O sorriso contido do Mateus denunciava o respeito diante da grandiosidade da conquista.

Aquela noite ainda está marcada não apenas como a vitória do Corinthians na Libertadores, mas como um capítulo especial na minha relação com meu pai e até mesmo com o Mateus. Não é e nunca foi só futebol! Ele transcende o campo, tornando-se um elo que entrelaça memórias, emoções e, acima de tudo, as pessoas que amamos.

No Domingo Chuvoso de Interlagos, a Alegria que Durou Pouco

Lucas Neri Bastos Costa

Aquele 2 de novembro de 2008 foi um domingo de chuva em São Paulo. Mas antes de falar qualquer coisa sobre esse dia, eu preciso voltar alguns anos no tempo.

A minha primeira lembrança acompanhando automobilismo foi ouvindo meu pai dizer “vamos, acelera, Massinha”. Ele ainda estava na Sauber em 2005, o carro não era lá grande coisa, mas ele já chamava a atenção.

Quando ele foi anunciado na Ferrari, meu pai me ligou. Ele que me contou a notícia e ver o Massa em uma equipe de ponta, aquela que era a grande marca da Fórmula 1 no início da década, me animou bastante. E para lembrar desse dia, meu pai trouxe uma miniatura de controle remoto de uma Ferrari, com um piloto de capacete azul. Já bastou para ele ser aquele que eu sempre torcia nas corridas.

Os dois primeiros anos dele com os italianos foram muito promissores, mas principalmente ajudando seus companheiros, Michael Schumacher e Kimi Raikkonen. Sua primeira vitória, na Turquia em 2006, foi inesquecível, assim como a segunda, em Interlagos, de macacão verde e amarelo. Em 2007, foram mais três, incluindo outra em Istambul, um bom começo de campeonato, mas chegou ao Brasil sem chances, num ano muito competitivo, e cedeu a vitória ao finlandês para que este ganhasse seu único título. Foram mais pontos no segundo ano que no primeiro, o que gerava esperanças.

Mas 2008 podia trazer coisas melhores. Com um candidato a menos ao título, já que Fernando Alonso saiu da McLaren e voltou para a Renault depois de um ano fora, a disputa ficou entre Massa, Raikkonen e Lewis Hamilton, que fazia seu segundo ano na categoria com os ingleses. E as chances vieram. Foram seis vitórias no ano, e lembro de uma no Dia das Mães em que voltei muito feliz pra casa depois de levar minha mãe para fazer exame, no que foi a terceira vitória em três anos do brasileiro em solo turco.

Só que em um ano muito competitivo, alguns detalhes fizeram a diferença. As múltiplas rodadas na chuva em Silverstone quando Hamilton venceu, os abandonos no começo da temporada, o motor estourando a três voltas do fim na Hungria quando liderava com conforto - corrida que não vi, mas que vi o resultado quando cheguei muito tarde em casa e desabei no choro. Eu sabia que cada detalhe era importante naquele ano.

Até que veio o GP de Singapura, o acidente – hoje comprovadamente forjado – do Nelsinho Piquet, a mangueira que ficou presa no carro e uma corrida em que ele nunca se recuperou e terminou longe dos pontos. A desvantagem para Hamilton aumentou de 1 para 7 pontos, exatamente o que ele precisava tirar duas corridas depois, em Interlagos.

Naquele domingo de chuva, ligamos a TV de tubo do quarto, que devia ter umas 14 polegadas. A gente tinha esperança. Massa dominou a corrida toda, enquanto a chuva, que retornava no final. Hamilton colocou pneus intermediários nas últimas voltas e precisava recuperar posições para garantir o título. Sebastian Vettel foi com ele, e Timo Glock ficou na pista com pneus secos. E o título estava na mão do Brasil até a última curva. Hamilton não passou Vettel depois da parada, mas passou Glock no último ponto possível e terminou em quinto, o que era suficiente para o inglês, quando Massa já tinha vencido a corrida. O que era alegria para mim, para a família e a equipe no box e para toda a torcida brasileira, virou choro de tristeza naquele quarto para mim. Choro este que também veio do piloto no pódio, dedicando a vitória à torcida que foi ao autódromo naquele domingo de feriado.

Até hoje, a gente não teve outra chance dessas. Inclusive, não tem mais brasileiro correndo regularmente desde que o Massa se aposentou em 2017. O próprio Massa não conquistou outra vitória na categoria, e sofreu um acidente grave no meio do ano seguinte.

Há processo para que o título seja do Massa, por conta do escândalo do GP de Singapura e da conivência dos mandatários da F1 à época, mas nada foi concluído até este momento.

À parte tudo isso, aquele 2 de novembro, de chuva lá fora e alegria que virou tristeza aqui dentro, virou um dos meus momentos mais doídos no esporte.

Arena Barra do Parateca

Lucas Zacari

Vivo no mesmo endereço desde que me entendo por gente. Todas as memórias caseiras e o sentimento de lar são remontados para esse terreno. Até hoje, esse é o ambiente que mais gosto para recarregar as energias. Mas até um tempo atrás, um outro espaço de casa era palco para grandes jogos, emoções, desentendimentos e, principalmente, felicidades.

Até 2007, a casa em que morava com meus pais ficava nos fundos da casa de minha avó materna, Dona Alice, falecida três anos antes. Com quatro pessoas na família, sendo um adolescente e uma criança, mais um labrador e um canário, esse espaço se mostrou apertado para tudo que se precisava. A moradia da frente já era bem antiga, com pelo menos cinquenta anos e com minha avó e minha mãe morando ali desde 1975. Resolvemos então fazer uma grande reforma para poder abrigar todas as necessidades e sonhos na nova casa.

Uma das grandes discussões foi a escolha do entretenimento caseiro que seria construído ali. Por ser um terreno antigo, o espaço de construção era grande, então mesmo com a ampliação da casa em que Dona Alice morava, ainda sobraria muita área para essa adição. O debate, quase como em modelo eleitoral, era se seria colocado um campinho de grama sintética ou uma piscina nos 24m² entre as duas residências. Colocando na balança os prós e contras, como limpeza e os impeditivos que o clima poderia levar para a segunda opção, optamos pelo “tapetinho”, como os estádios renovados Ligga Arena (antiga Arena da Baixada), Nilton Santos (antigo Engenhão) e Allianz Parque (antigo Parque Antártica), que adotam esse estilo de gramado, são conhecidos.

A Arena Barra do Parateca, em homenagem à rua em que a casa está localizada, abrigou eternos e memoráveis duelos. Do pequeno espaço da sala de casa, com a utilização de bolas que não quebrassem os porta-retratos e os eletrodomésticos, a entrega do espaço em 2008 parecia realmente que um novo estádio havia sido construído naquele local – mesmo que fosse apenas um pequeno campo de 3x8 metros.

Com três boleiros assíduos dentro da nova moradia, é claro que o principal entretenimento seria aquele lugar. São incontáveis as vezes em que, acompanhado de meu

pai e meu irmão, horas e horas de partidas de gol-a-gol foram jogadas, regadas a risadas, disputas e um pouco de choro do meu lado, como uma pequena criança que era. Isso sem contar as vezes em que minha mãe também se propunha a jogar, colocando toda a família para fazer um bom dois contra dois – sem deixar a passagem pelo meio do campo repetidamente do Johnny, nosso labrador, como um bom campo latino-americano precisa ter.

Havia uma espécie de rivalidade sadia entre mim e meu irmão. Sete anos mais velho, o combinado era que, nas disputas, ele teria que fazer dez gols para vencer a partida, enquanto eu tinha que fazer um mísero tento e me sagrar vencedor. E claro que, em seu papel de irmão mais velho, foram vários momentos em que ele me ludibriou ao dizer que em meus chutes a gol, que me davam uma sensação de glória eterna quando passavam por ele, havia alguma irregularidade. A bola triscou na parede, bateu na quina e não entrou no gol, passei a metade do campo para chutar e, por esses motivos, não valeria e deveria continuar jogando. Em tempos de VAR, tenho plena convicção de que muitos daqueles momentos teriam sido validados e poderia ter comemorado muito mais partidas do que comemorei no fim. Vendo retrospectivamente, além do ego ferido caso perdesse para alguém sete anos mais novo, entendo que todo esse teatro para invalidar os gols era, mais do que nunca, uma forma de nos manter unidos e jogando, uma das poucas atividades que compartilhávamos em função da diferença de idade. A proximidade que temos hoje, com certeza, tem raízes naqueles momentos em que ele vinha e perguntava: E aí, vamo jogar?

A casa passou a ser também um ponto de encontro entre os amigos de infância e primos. Além dos aniversários comemorados no mesmo endereço até os dias atuais, a rotina de sábado com os amigos de almoçar, jogar bola, comer lanchinhos e jogar videogame até escurecer era praticamente um mantra seguido fielmente. Ao menos uma vez por mês, durante anos, a Arena Barra do Parateca recebia seus visitantes para os torneios de gol a gol ou para *contrinhas.* E, apesar do espaço, em que parece caber poucas pessoas, naquela época parecia caber quantas fossem necessárias.

Os anos se passaram, e a função social daquele campinho foi perdendo força. Além do próprio desgaste natural que o tempo e a ação sobre ele geraram, as responsabilidades do mundo adulto e adolescente dos irmãos tornaram a diminuir as horas praticadas naquele estádio até praticamente zero. Para não se tornar um elefante branco

como algumas das construções da Copa do Mundo de 2014 – competição em que o sintético viu meu pai ter uma das grandes bebedeiras da vida após a classificação brasileira contra o Chile, pelas oitavas de final, história que merece um texto próprio –, decidimos por finalizar todos os serviços prestados do campo.

Resolvemos mudar o ambiente para algo que, na atual fase da vida em que estamos, tem uma utilidade maior: uma churrasqueira. Muitos eventos já foram feitos nela nesse período desde que foi construída, mas aquela mágica que os pés descalços sentiam na grama sintética dificilmente será sentida novamente.

Sem o campinho, sem mais o *cãopanheiro* Johnny e o canário Gregório – mas agora com a cachorrinha Luna e a dupla de bichanos Bichinho Gato e Magrelinha –, meu irmão tendo mudado de casa, cada ponto daquele passado parece distanciar-se. Com a especulação imobiliária que o bairro sofre, avançando para o endereço, é bem provável que até mesmo a própria casa saia de cena em pouco tempo.

Possivelmente, o que restará serão as lembranças construídas. Aquele projeto de fanático por futebol se desenvolveu e a paixão por assistir e, principalmente, jogar, se manteve. E tenho certeza de que, se pudesse, tomaria a mesma atitude sobre colocar o campinho. Todas as vezes que precisasse.

Corredor Alvinegro

Maria Trombini

Existem alguns ritos de passagem que marcam profundamente nossas vidas. Começar a escola, trocar os dentes, passar na faculdade, tirar a habilitação, casar-se, ter filhos ou vários outros. Comigo, foi algo muito mais simples, mas que influenciou diretamente no que sou hoje. Meu rito de passagem foi visitar um estádio de futebol pela primeira vez.

Vestindo o branco do manto sagrado, tênis e meias combinando, meu pai fez questão de me proporcionar uma experiência completa. Chegamos cedo, tiramos fotos e fui apresentada aos arredores do Alçapão, lugar que tantas vezes acolheu diferentes gerações de apaixonados. Recepcionamos os jogadores entoando hinos de devoção, batendo no peito e torcendo por mais uma vitória.

Pouco antes do jogo, veio o grande momento: junto com mais algumas dezenas de crianças, corri para agarrar as mãos do meu grande herói com cabelos espetados em um moicano. Entramos em campo, juntos, para cantar o hino nacional. Foram os 65 segundos mais eufóricos da minha existência. Segurando forte em sua mão, tentava absorver um pouco de sua aura mágica, ao mesmo tempo em que tentava lhe transmitir boa sorte.

Em seguida, veio o caos. A corrida de um portão ao outro, ao redor do estádio, foi guiada pelo som das reações isoladas da torcida. Os *“uhh!”s* e *“ahh!”s* indicavam que o começo da partida era bom.

Já dentro do estádio, em nossos lugares na arquibancada, pude ver ao vivo a movimentação dos jogadores que tantas vezes antes havia acompanhado pela televisão. Ali, eu soube que não havia mais volta. O Santos Futebol Clube estaria para sempre entrelaçado nas minhas memórias de infância e nos sonhos para a vida adulta.

Meu rito de passagem foi aprender a viver um time. O futebol deixou de ser algo que está ali, na TV aos domingos ou numa conversa fiada para quebrar o gelo com parentes não tão próximos; passou a ser algo aqui, dentro e ao redor, indissociável de mim e da minha história. Enfim, descobri em mim um orgulho que nem todos podem ter.

O Primeiro Jogo Inesquecível

Mateus Felipe Almeida Pinto

Era domingo 03 de Maio de 2009, estava um dia quente e ensolarado naquele mês de outono. Eu estava em casa com minha mãe e meu pai, sempre passamos finais de semanas juntos. De manhã, acordei, fui à missa com eles e depois almoçamos em casa como era de rotina naquela época. Eu tinha apenas 6 anos, era uma criança que gostava de brincar e correr, mas ainda não tinha tido contato direto com nenhum jogo que me despertasse tanto interesse.

Pois bem. Naquela tarde, eu estava prestes a me apaixonar por um time e, especialmente, por um esporte que eu não sabia ainda, mas mudaria e daria sentido para minha vida a partir dali. O jogo era a final do campeonato estadual mais importante do país, o Campeonato Paulista. Corinthians e Santos realizavam o segundo jogo das finais, em uma partida que ficou marcada não só na minha memória, mas na de muitos outros torcedores. A rivalidade entre essas equipes esteve sempre presente, milhares de torcedores estavam reunidos no estádio para apoiar seus times; assim como eu e milhares de telespectadores estavam na frente de uma TV para acompanhar aquela partida. Por influência de meu pai, resolvi assistir aquele jogo. Ainda não torcia para nenhum time e nem sabia muita coisa sobre aquele esporte, mas isso estava prestes a mudar.

O clima era de muita tensão. Meu pai estava muito ansioso, ficava andando na ponta do pé de um lado para o outro, como era de costume nessas ocasiões. Me lembro de achar curioso a entrada dos jogadores em duas filas e todo aquele clima de tensão e vontade que estava presente. Naquele momento eu estava começando a ficar aficionado pela festa, pelo barulho e por todo aquele apoio que aqueles torcedores malucos demonstravam nas arquibancadas. Os famosos “Bando de loucos” como eram chamados os torcedores do Corinthians, era lindo e de arrepiar todas aquelas músicas que cantavam. O jogo também era algo intenso de se assistir. De um lado o Corinthians, que era comandado pelo técnico Mano Menezes e contava com Ronaldo Fenômeno em seu time, considerado um dos maiores jogadores de todos os tempos. Do outro lado estava o Santos, um time muito jovem com jogadores como Neymar e Paulo Henrique Ganso que estavam começando sua carreira.

A partida foi movimentada desde o início. O Corinthians havia vencido o primeiro jogo por 3x1 então tinha uma certa vantagem para conquistar o título. O Santos não se entregava e até tentou uma reação abrindo o placar, mas o Corinthians era muito forte. O "Timão", como é conhecido, jogava com muita raça, vontade, os jogadores disputavam cada bola e doaram suas vidas em campo. A torcida vibrava por cada bola disputada, cada carrinho que era dado e por cada dividida ganha. Comemoravam como se fosse um gol. O Corinthians conseguiu empatar a partida e ampliar ainda mais sua vantagem rumo ao título. Eu não sabia ainda o que aquilo significava. Não conhecia a história do Corinthians. Também não sabia quem era Ronaldo e o quão importante ele era, e nem quem eram os outros jogadores que estavam em campo. Mas eu pude ver na expressão do meu pai, daqueles milhares de torcedores que eram mostrados na TV, o quão importante era aquela vitória. Foi lindo ver aquela emoção no rosto do meu pai.

Aquela conquista foi muito importante porque marcou o retorno às glórias, após anos difíceis em que o time não conseguiu disputar títulos. Também foi algo marcante para mim. Naquele dia, me apaixonei por um clube chamado Sport Club Corinthians Paulista. Um time de muita luta, vontade de vencer, entrega de seus jogadores. Um time que ganha, sofrido, suado, em muitos jogos no último minuto como uma forma de salvação ou livramento para muitas pessoas.

Naquela época eu ainda não entendia o que era esse sentimento de alegria, liberdade e alívio que eu via no rosto daqueles que já eram apaixonados pelo clube. Hoje, mais velho, consigo entender que ser Corinthiano é muito mais do que torcer por um simples clube de futebol; é viver por ele. Assim como disse um grande ídolo da história do clube, Dr. Sócrates, "o Corinthians é muito mais que um clube de futebol, é uma religião, uma voz, uma força, uma forma de expressão de sua população". Muito mais do que apenas uma vitória em uma partida de futebol, o Corinthians é uma vitória daqueles que enfrentam muitas dificuldades de vencer. Ser Corinthians é um estilo de vida, é outra coisa. Muito mais do que admiração e respeito, o que eu sinto é amor. Um sentimento inexplicável de emoção que queima dentro do peito, dá um frio na barriga, alegrias indescritíveis, mas também me traz choro, angústias e ansiedades, tudo ao mesmo tempo. Sentimentos que começaram bem ali naquele jogo em Maio de 2009, um jogo inesquecível que ficará marcado pra sempre em minha memória como: o dia em que me apaixonei…

Com o Otimismo de uma Criança, Acredite Até o Fim

Michel Elesbão de Jesus

Para a decepção do meu pai, nunca gostei de futebol. Ele era um fanático pelo Vasco, discutia com a TV todas as vezes que o time mandava mal (não entendo de futebol, mas sei que não eram poucas vezes). Quando pequeno, não entendia a paixão das pessoas por esse jogo, mas eu mesmo tinha a minha paixão inexplicável por outro estilo de esporte: lutas! Não sei dizer ao certo o porquê, talvez fossem os filmes, ou talvez era pelo fato de eu sempre andar com meninos maiores e considerar que a técnica era a esperança para compensar o tamanho, mas só sei que qualquer pessoa lutando na TV já tinha minha atenção capturada na certa, batata.

Lembro-me vividamente daquela noite, eu, um garoto de 13 anos, sentado no sofá com os olhos fixos na tela da TV. Anderson Silva enfrentava Chael Sonnen em uma luta que, na época, eu mal podia compreender a magnitude. O que ficou gravado em minha mente foi a tensão que pairava sobre a sala, e, claro, o rosto preocupado do meu pai, que balançava a cabeça com a certeza de que a vitória era uma miragem distante para o herói brasileiro.

A luta se desenrolava, e a cada *round,* as esperanças pareciam escorrer pelo ralo. Anderson Silva, herói brasileiro, estava perdendo todos os *rounds* para Chael Sonnen. Meu pai, com sua experiência no esporte, decretava o inevitável destino da luta, mas meu coração de criança se recusava a aceitar a derrota. Eu me agarrei à crença irracional de que uma virada épica estava prestes a acontecer.

No quarto *round,* Anderson Silva, herói brasileiro, parecia exausto, com o rosto marcado pelos golpes de Sonnen. A maioria das pessoas ao meu redor já dava a luta como perdida para o Spider, mas eu, com meu otimismo infantil, ainda vibrava a cada movimento do herói brasileiro. Lembro-me de torcer como se minha energia pudesse de alguma forma alcançar o Octógono e impulsionar Anderson para a vitória.

O último *round* chegou, e a tensão atingiu seu ápice. Anderson Silva, mesmo desgastado, encontrou forças para resistir aos ataques persistentes de Sonnen. Naquele momento, meu coração batia acelerado, e uma mistura de ansiedade e esperança

dominava meus sentimentos. Era como se eu estivesse assistindo a um filme, mas a tela era a própria realidade, e o desfecho era incerto.

E então, no último minuto do último *round*, aconteceu. O inimaginável se concretizou, e Anderson Silva, herói brasileiro, com uma incrível reviravolta, conseguiu finalizar Chael Sonnen. A sala explodiu em gritos e celebrações, e meu pai, que já se resignava à derrota, ficou perplexo diante da virada espetacular. Eu, com o sorriso triunfante de quem sempre soube que daria certo, olhei para ele e disse: “Eu sabia, pai! Eu disse que ele ia ganhar!”.

Naquele momento, aprendi uma lição valiosa sobre a magia do esporte e a importância de acreditar até o fim, mesmo quando tudo parece perdido. Com o otimismo de uma criança, descobri que a esperança pode ser uma força poderosa, capaz de transformar uma aparente derrota em uma vitória épica. E, naquele dia, Anderson Silva, herói brasileiro, não apenas ganhou uma luta, mas também conquistou o coração de um jovem fã que aprendeu que, no mundo das lutas, tudo é possível quando se acredita com fervor.

Sobre Torcer

Miriã Gama

Torcedor. Uma palavra pequena para explicar algo tão grande. Grande e maluco.

Se me perguntassem porque ou quando eu comecei a torcer, não saberia como responder. Não lembro com exatidão a primeira vez que soltei um grito de gol ou quando comecei a torcer para o oponente ir mal, errar um ponto, um salto, um saque. Talvez, um episódio da infância possa me ajudar a explicar como me tornei um pouco louca e extremamente apaixonada pelo esporte.

Ironicamente, não é um episódio feliz. O que me marcou não foi ver meu time campeão.

Aquela foi a primeira vez que a pequena Miriã, ainda com 9 anos, experimentou o que realmente era morar no país do futebol. As ruas decoradas, as lojas recheadas de produtos verde e amarelo, a atividade de pintar a bandeira dos países na escola. Em cada canto do país, o futebol respirava.

Mas, no dia 8 de julho de 2014, o futebol brasileiro parou de respirar por alguns minutos. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete. Sete gols da Alemanha. Confesso que já estava chorando no terceiro, quando o sonho do hexa acabou na minha mente, mas no sétimo… algo mudou.

Lembro do meu pai no telefone, conversando com meu avô sobre o jogo e preferindo encarar tudo de uma maneira engraçada. E eu ali, naquele sofá, agarrada em uma almofada e não conseguindo conter o meu choro. As lágrimas verdadeiras de uma criança pelo sonho que morria.

Aquele jogo foi traumático, mas transformador para mim. A dor forjou o amor.

E torcer é sobre isso. Sobre pular de alegria e chorar culposamente. Sobre elogiar e xingar. Sobre gritar “A medalha é nossa!” e falar com tristeza que “não foi dessa vez!”. Sobre se apaixonar e se chatear. Sobre intensidade.

Meu Maracanazo

Murilo Rodrigues

Eu não era péssimo. Pelo contrário, talvez tivesse os melhores fundamentos defensivos dentre meus colegas: interceptava passes com frequência, sabia proteger bem o espaço em frente ao gol, prevalecia em duelos contra bons atacantes.

Meu problema era atacar. Tinha passe ruim, finalização ruim, era pouco ágil com a bola no pé. Quando crianças jogam futebol, instinto é mais importante do que tática, então eu naturalmente tive que me contentar em ser sempre um dos últimos escolhidos nas montagens de elencos.

Mas eu tive a honra de compor o elenco da minha escola para jogar um campeonato contra escolas rivais da região. Ora, todos os meus amigos estavam, merecidamente, também no elenco, então eles provavelmente convenceram o professor Lucas a me convocar também. O primeiro jogo seria fora de casa, e já seria eliminatório! Ao chegar no território adversário, surpreendo-me que não haveria público presente, pois esses jogos ocorriam durante as aulas.

Como era de se esperar, eu começo na reserva. O apito inicial é dado, a bola começa a rolar. Em segundos, já me levanto para comemorar o primeiro gol. E depois, o segundo. E o terceiro. E o quarto.

Ao fim do primeiro tempo, minha equipe ganhava de impressionantes 5 a 0. Placar impressionante pela expectativa pré-jogo, já que esperávamos um jogo disputadíssimo em território hostil, mas compreensível pela diferença técnica entre as equipes. Com o placar já liquidado – 6 a 0 –, faltando apenas metade do segundo tempo a ser jogado, entro em campo. Jogo como beque e, apesar de poucas ações com a bola, início a jogada do oitavo (e último) gol da partida. 8 a 0.

Não havia mais hipóteses de derrota no torneio: se aplicamos uma goleada por 8 gols de diferença, não havia time no planeta capaz de nos deter. Havia uma certeza mútua em cada um de nós, do craque ao esquenta-banco, de que sairíamos campeões daquele torneio. Na semana seguinte, mais um jogo. Novamente eliminatório, fora de casa e sem público. A escalação inicial repetia-se e, exceto pela ligeira semelhança entre uniformes (nosso azul bebê contra o azul turquesa adversário), todo o contexto do jogo não nos era

novidade. Dado o apito inicial, a bola começa a rolar. Apesar de ter mais a bola, o jogo sem bola deste adversário é melhor do que do anterior. Eles combatem mais, protegem bem a área, são mais dedicados taticamente e marcam todas as opções de passe.

Mas não há motivo para desespero. Com tanta posse de bola, mais finalizações e mais jogadores talentosos, nosso primeiro gol era questão de tempo. E, de fato, foi. Aos 15 minutos do primeiro tempo, em boa trama de Matheus (com “h”) e Mateus (sem “h”), o primeiro fuzila com a perna direita pro gol.

No intervalo, o oba-oba era contagiante. Com vantagem no placar e contra uma equipe que não finalizara em 20 minutos de jogo, a vitória já estava bem encaminhada. Começa o segundo tempo. Em 30 segundos, já sofremos nossa primeira finalização a gol: chute no meio do gol, de fácil defesa para Juliano. Minha intuição, que eu, desde menino, já aprendera a não ignorar, já ligou o alerta para uma possível virada.

Aos 5 minutos, o primeiro baque. Um tal Gabriel, pouco participativo do jogo até então, acerta um chute “finesse”, a meia altura, no cantinho do gol de Juliano. Primeiro gol sofrido por nós no torneio.

Nossa resposta foi preocupante. Muitos passes errados, domínios ruins, muito nervosismo dos craques do time. Era hora de fazer substituições.

Nossa equipe sofria, sobretudo, com os contra-ataques, que aconteciam sempre com todos os jogadores adversários se lançando à frente e nos deixando em desvantagem numérica. Era importante, para nós, mais um defensor marcando uma das várias linhas de passe que se abriam nessa situação. Meu treinador não analisou o jogo da mesma forma que eu fizera, fez uma troca de atacante por atacante e manteve o esquema ofensivo. Aos 14 minutos, ocorreu a tragédia anunciada. Contra-ataque letal, gol do Gabriel. Eis o meu Maracanazo, sendo Gabriel, com nome de anjo, meu Ghighia, meu demônio. Fim de jogo: derrota por 2 a 1 e eliminação precoce. Meu maior fantasma futebolístico ocorreu sem minha participação. O trauma não foi sobre o que aconteceu, mas o que poderia ter acontecido de diferente com minha participação no jogo.

Olê Olê Olê Olá, o Allianz Parque Virou Arena Inamar

Osmar Granato Salvador Dias Neto

A trajetória do Água Santa no Campeonato Paulista de 2023 impressiona qualquer um, mas a genuína alegria só está no sentimento daqueles que acharam ser possível. Antes da competição, a expectativa da maioria dos adeptos da equipe branca e azul era de permanência na elite do futebol estadual. Todo mundo sabia que a ideia era apenas evitar o rebaixamento.

Na pré-temporada, o mesmo de quase sempre: Luan e Dadá Belmonte, figurinhas carimbadas, voltaram somente para a disputa da competição; alguns veteranos foram contratados como o Bruno Mezenga; e a torcida era para que o sofrimento fosse menor para permanecer na série A1 do que havia sido em anos anteriores.

Dada a largada, a equipe do ABC paulista estreou em casa. Por conta do trabalho não pude ir ao estádio, mas me lembro de sofrer assistindo a um trecho ou outro, quando a porta do metrô se abria nas estações me dando acesso a um pouco de internet.

O time não era brilhante, mas parecia ter ciência de suas limitações… vencia por 1x0 até o fim do segundo tempo, quando de repente tomou 3 gols em falhas individuais da zaga. Apesar de ser só o primeiro jogo, era contra a Ferroviária e por ser um adversário mais acessível, o lógico era pensar que aqueles pontos fariam falta na luta contra a queda.

Depois disso, mais dois duros golpes: uma derrota contra o Corinthians na segunda pior atuação do Netuno no campeonato e um empate dramático contra o São Bento em casa, num jogo que parecia controlado. O que mais assustava era a falta de desempenho e a omissão do técnico Thiago Carpini. Já fazíamos contas e promessas contra o rebaixamento que já parecia difícil de ser evitado.

Na quarta rodada mais um empate e apenas 2 pontos ganhos de 12 disputados, tudo parecia perdido quando veio finalmente a primeira vitória. Foi no quinto jogo da competição, contra a Portuguesa que viria a ser rebaixada. Desde a quinta rodada, foram incríveis 7 vitórias em 8 jogos, sendo a única derrota para o Palmeiras, o time a ser batido em toda a América.

O êxtase dos torcedores diademenses era sem igual. Além de evitar o rebaixamento, a equipe finalmente havia vencido seu maior rival, o São Bernardo Futebol

Clube e tinha conseguido classificação para o mata-mata pela primeira vez em sua história… mas as maiores alegrias ainda estavam por vir.

Nas quartas de final, jogo único contra o mandante São Paulo. A partida aconteceu no Allianz Parque, em virtude de shows no Morumbi. Eu fui ao jogo, mas a grande maioria da torcida visitante só pode adentrar ao estádio no início da segunda etapa. Os primeiros 45 minutos de jogo, ouvimos do lado de fora pelo rádio, agradecendo a Deus pelo empate parcial.

Bola rolando para a segunda metade, a torcida azul e branca invadiu o estádio na capital paulista numa só voz. Apesar de menos numerosa, os torcedores de Diadema faziam-se ouvir diante daquela legião de tricolores.

Passados 90 minutos de sofrimento, empate em 0x0 e vamos aos pênaltis. Quatro cobranças para o Água Santa, todas convertidas… quatro para o São Paulo e somente três gols marcados. Alisson havia perdido para o tricolor e a classificação do Água Santa dependia apenas da conversão por parte de Gabriel Inocêncio.

O lateral desperdiçou sua cobrança e a torcida do São Paulo começou a cantar alto. A situação nunca esteve tão ruim para o desafiante do ABC. Kady (Água Santa), Nestor (São Paulo) e Thiaguinho (Água Santa) converteram suas cobranças. Ainda não sabíamos, mas Méndez (São Paulo) seria o último batedor daquela noite.

O volante parou no goleiro Ygor Vinhas, que se tornou o herói daquela classificação. Mesmo depois de vencer o Bragantino na semi e o jogo de ida da final contra o Palmeiras, a classificação contra o SP foi o ponto alto da história do Netuno. A torcida festejou por mais de uma hora depois do término da partida e cantava: “Olê Olê Olê Olá, o Allianz Parque virou Arena Inamar”.

“Se o Prass Fizer...” Pera Aí, Não foi Isso que eu Ouvi!

Ricardo Campagnoli Thomé

Quarta-feira, 2 de dezembro de 2015. Estávamos meus pais e eu morando na casa da minha avó, na Vila Leopoldina, desde meados daquele ano. O motivo? Nossa casa estava reformando, e só voltaríamos para lá no ano seguinte. O calor em São Paulo era mortal. E os pernilongos – a casa da Vovó Elisa é perto do rio – não nos deixavam dormir. Por noite, eram uns dez que a gente matava. Mas, naquele dia, só me interessavam os 11 guerreiros que entrariam em campo vestindo verde, contra o Santos, às 21h30, no Allianz Parque, em busca da 11ª conquista nacional.

Eu tinha 12 anos de idade, cinco de fã de futebol e três desde que tinha visto a única conquista do meu time até então: uma Copa do Brasil, cuja final eu assisti na cama da minha mãe e depois da qual nem soube como comemorar direito. Que bom, porque no mesmo ano fomos rebaixados – era um sinal. Em 2015, o Palmeiras tinha passado por uma reformulação. Após o quase rebaixamento de 2014 (com um time bem pior que o de 2012, diga-se de passagem), Paulo Nobre acertara a casa, a inominável patrocinadora chegara à Barra Funda. Muita gente foi contratada, tipo o Dudu. E poucos ficaram, tipo o Prass. Tipo de coisa que demora a dar frutos.

A TV de tubo com a NET desatualizada ficava em frente ao sofá bege, que, de lado, cabe uma pessoa baixa com as pernas recolhidas (e olhe lá). Mas ao longo daqueles meses, foi ali a minha fortaleza de entretenimento e de esportes. Eram os canais abertos e a GloboNews, basicamente. Mas eu via mesmo era a Band. E todo dia era dia de ver “Os Donos da Bola” na hora do almoço. No Paulista daquele ano, Oswaldo de Oliveira, aquele do “Gabriel, Gabriel, põe o Gabriel”, e do “*c*****” é você, ô, babaca” e um Palmeiras que ainda tinha Jorgito *“El Mago”* Valdivia chegou à final do Paulistão. Eu nunca tinha visto isso nos meus cinco anos de torcedor. Já era muita coisa! Nas semis, eliminação contra um Corinthians MUITO melhor lá em Itaquera – a defesa do Prass no pênalti do Petros, coisa mais linda…

Na final, o primeiro de vários confrontos fervorosos contra o Santos. Confesso que não lembro onde nem como vi o jogo da ida, sei que foi 1 a 0, gol do Leandro Pereira (sim, o Leandro Banana!). Só que o Dudu perdeu o pênalti do 2 a 0. Na volta, voltando

do restaurante onde comemoramos o aniversário da minha mãe, cheguei eufórico em casa, já com o jogo em andamento, pronto para ver meu time ser campeão estadual pela primeira vez desde 2008. Decorei minha cama com (literalmente) TUDO o que eu tinha com referências ao Palmeiras. Era camisa, quadro, copo, boné, chaveiro… mas deu Peixe no duelo Santos-santuário. Deu Ricardo (o Oliveira, não eu), contra Fernando Prass no primeiro embate decisivo do ano.

De volta à casa da Vovó I, aos 12 anos de idade ainda era preciso o mínimo de persuasão para poder ficar até tarde assistindo ao futebol. Tinha que justificar pros meus pais o quão importante era o jogo, assim como anos antes eu falava que tinha porque tinha que continuar vendo meu *Backyardigans* e meu *Ben 10* porque era um "episódio novo" – sinto muito, crianças de hoje em dia, mas o streaming não permite tal linha argumentativa da parte de vocês. E assim era: dos jogos do Brasileirão daquele ano, lembro-me pouquíssimo. Agora, o mata-mata da Copa do Brasil? Tenho clara na minha cabeça a euforia com cada um dos jogos.

Às oitavas, contra o Cruzeiro, eu vi ainda na minha casa o show do então menino Gabriel Jesus. Às quartas, contra o Inter, propiciaram um dos gols mais comemorados da história da Sociedade Esportiva Palmeiras. Após pênalti perdido e empate na ida, o Palmeiras fez 2 a 0 em casa, mas levou o empate – à época, o gol fora ainda era critério de desempate. Eis que, no pior momento do time no jogo, um volante aleatório que tinha vindo da Tombense entrou na partida para marcar de cabeça. Vestindo a 28, Andrei Girotto – que anos depois viraria ídolo do Nantes, da França, e meme no Twitter do Bundesliga Insider – tocou para o gol após cruzamento do bom Allione. O cara nem sabia como comemorar direito. Nem nós. O azar aos poucos ia se esvaindo, e o sentimento de "vitória de campeão" crescia a cada partida. As semis foram na mesma toada, com vitória nos pênaltis com um forte Fernando frente ao Flu de Fred.

Chegada a final, contra o Santos, em 25 de novembro, o Palmeiras era o grande azarão. Um time em formação contra uma equipe muito bem comandada pelo palmeirense de coração Dorival Júnior. Era Vanderlei, Gustavo Henrique, Thiago Maia, o craque ascendente e ainda não palmeirense – e hoje novamente santista – Lucas Lima, o Pastor Ricardo Oliveira e um ainda muito jovem Gabriel Barbosa. Até o Marquinhos Gabriel jogava bola naquele time. A gente tinha um time competitivo, muito comprometido, mas comprovadamente instável. E isso se confirmou na ida: o Santos foi muito melhor e fez

1 a 0 com *Gabigol.* Acontece que o camisa 10 perdeu um pênalti e, já nos acréscimos, tivemos o atacante Nilson perdendo um gol inacreditável. Em mais um momento Andrei Girotto, o palmeirense juntava motivos para crer.

A vitória do Santos fez com que vários na grande imprensa esportiva dessem o alvinegro praiano como campeão. Era pôster em banca de jornal e oba-oba pra todo lado. Oba! É disso que o palmeirense gosta. É disso que o palmeirense sempre gostou. A princípio, as finais estavam marcadas para os dias 4 e 25 do mês 11, mas após pedido de Modesto (será?) Roma Jr., presidente do Santos, com apoio dos outros semifinalistas, as datas foram mudadas para 25/11 e 02/12, para que o intervalo entre as partidas fosse menor. Considerando o mau momento do alviverde no início de novembro e a convocação de atletas do Santos nos períodos de treinamento para a final, aquilo caiu como uma luva – de goleiro.

Eu fazia inglês às segundas e às quartas-feiras. E, no dia 2, encontrei meu amigo Rodrigo Santoro (não, não é aquele). Ele, palmeirensíssimo e filho de pai tão palmeirense quanto – diferentemente do meu caso, o papai só não liga mesmo –, estava super animado para ir ao jogo com o pai. Ficava imaginando como seria legal ter essa experiência, e fiquei aguardando o relato dele na segunda seguinte. Otimistas estávamos.

Iniciada a partida, o Palmeiras teve algumas novidades no time: Lucas Taylor, mais um moleque aleatório na lateral direita, entrou no lugar do também cria da academia João Pedro durante o jogo (acho que foi por lesão, sei lá). Ano passado o Taylor ficou famoso porque foi o único brasileiro a permanecer jogando na Ucrânia no início da guerra. Outro nome foi Matheus Sales, também garoto da base, que estava destinado a fazer uma das maiores atuações de um volante com o manto alviverde em uma final. Ah, e o Gabriel Jesus, que estava com o ombro todo ferrado, recebeu uma bênção e conseguiu começar jogando (apesar de logo ter saído). O técnico era o nosso Gargamel, Marcelo Oliveira, que naquele momento era atual bicampeão brasileiro pelo Cruzeiro.

Eu me lembro de jantar olhando para a TV no início do primeiro tempo. Era muita tensão, não sabia nem como viver aquilo. Já no início do segundo tempo, saiu o primeiro gol do Dudu – aquele que era superestimado e que tinha perdido um pênalti contra o próprio Santos também em uma final no começo do ano, sabe? Que jogada do Barrios com o Robinho! O jogo seguiu, o Santos criava suas chances de perigo, e eu explicava o quão importante seria fazer mais um gol, para que não tivesse mais pênaltis. Eles se

recolhiam para dormir, quando Eduardo Pereira Rodrigues colocou nas redes mais uma vez, depois de uma jogada ensaiada lá de trás, e antes da qual o Cléber Machado comentava, na transmissão da Globo: "já pensou se sai um gol agora?". Mas é aí que tá: naquela época, Globo e Band dividiam as transmissões dos campeonatos nacionais. E, como eu disse, eu só via os jogos na Band. Foi assim em todo o mata-mata, não mudaria agora. Téo José, *Craque* Neto e Fernandinho Fernandes foram os responsáveis por guiar aquele Ricardinho durante o confronto.

Com o 2 a 0 e as luzes da sala já apagadas, eu começava minha saga no sofá bege em frente à TV, implorando para que a partida acabasse o mais rapidamente possível. Afinal, a luz verde estava acesa, certo? Errado. Já no final da partida, a zaga do Palmeiras falhou e ele, "Ricardo 'Artilheiro' Oliveira", como bradava Téo José na transmissão, guardava o dele e castigava o meu time – mais uma vez. Teríamos penalidades.

É de se lembrar, também, que nesse longínquo ano de 2015, ainda era obrigatório que as equipes divulgassem os cinco primeiros batedores antes das cobranças. E o Fernandinho foi falando os nomes, começando com o Zé Roberto, que era batedor oficial, aí teve uns atacantes, o Jackson, que tinha batido bem… aí o cara me mete um "Fernando Prass". Eu fiquei simplesmente sem reação. Amava o Prass, muito! O cara tinha trocado o vice-campeão brasileiro Vasco pelo meu time quando a gente tinha acabado de cair, em 2013. Tomou xicarada na cara, foi super profissional e viveu o tenebroso time de 2014. E por várias vezes salvou o Palmeiras sendo o único a se salvar em 2015. E ele ia bater o QUINTO PÊNALTI.

O prédio da Vovó I é dois por andar, qualquer barulhinho os vizinhos escutam. E para eles, já bastava a televisão dela estar sempre no máximo, porque, como ela dizia (ela tá viva, OK, é só que agora já admitiu a complexidade da situação), era "um pouco surda". Nos pênaltis, eu ajoelhava no sofá, pulava e cochichava gritando, sem sair do lugar. O Santos começou batendo, e o ex-palmeirense Marquinhos Gabriel jogou para fora, enquanto Zé Roberto converteu o dele. Quem estava no estádio conta que nunca, na não tão longa mas bastante vitoriosa história do Allianz Parque, pelo menos até a classificação nos pênaltis contra o Atlético Mineiro, em 2022, nas quartas da Libertadores, viu-se uma atmosfera como aquela. E foi aí que Gustavo Henrique parou em Fernando Prass. Nas cobranças seguintes, Rafael Marques perdeu pelo Verdão, enquanto Jackson e Cristaldo

fizeram. O Santos marcou com Geuvânio, Lucas Lima e Ricardo Oliveira. Ou seja, Prass teria que bater.

(...) “Se o Prass fizer o Palmeiras é campeão, se o Prass fizer o Palmeiras é campeão! Palmeiras, campeão!” Isso é o que o Cléber Machado falou. Como eu disse, não estava ouvindo-o, tampouco me recordo do que Téo (que ainda viveria *muuuuito* com a nossa torcida) e companhia disseram. Da minha boca, ouviu-se apenas um sonoro e espontâneo “GOSTOSO!!!” na voz mais abafada que pude fazer. E só eu escutei. Eu, Deus e Prass – e os pernilongos, diga-se. Éramos tri. Porque a trindade parecia ser essa. E olha que o time tinha Jesus! Não me lembro o que fiz depois, mas seguiu sendo silencioso, na maior sinergia torcedor-time que eu sentira até então. Fiquei o tempo que eu consegui em frente à TV, vendo todas as entrevistas do mundo – o que o Fernandinho era inconveniente indo atrás dos jogadores comemorando era brincadeira, tá? Acho que é dessa cara de pau que nós jornalistas, e por que não, nós, pessoas, precisamos.

No dia seguinte, fui de Palmeiras por baixo da camisa do colégio, não podia estar mais feliz. E, é claro, assisti a todos os programas de TV possíveis. Até os de rádio eu escutei. Porque fala sério: depois do pior momento da história do seu clube, de virada, nos pênaltis, com o seu goleiro e ídolo fazendo o gol decisivo, contra um rival que achou que já tinha ganho, não tinha dono da bola ou da verdade que tirasse o sorriso do rosto de qualquer palmeirense.

Na semana seguinte, cheguei na aula de inglês empolgado para saber do Rodrigo como tinha sido o jogo. Acontece que, assim como ele, caso tentasse se passar pelo ator, o ingresso era falso. Ele e o pai caíram num golpe. Nem imagino o quão deprimente isso deve ter sido.

Nos anos seguintes, vieram muitas alegrias pro Palmeiras. Dudu, aquele lá, entrou no top 3 maiores jogadores da história dessa Sociedade Esportiva. Tive a chance de encontrar o Prass, tirar foto com ele, pedir pra ele assinar minha camisa e dizer “Prass, você é meu maior ídolo como palmeirense. Obrigado!”. O Téo narrou o teu e o meu Palmeiras triunfar. O Prass fez e o Palmeiras foi campeão. E ele foi sensacional, como foi e como é. Como é e sempre será a Sociedade Esportiva Palmeiras.

Salve o Pacaembu

Ruth Bessa Santana Gasparetto

Era uma tarde de sábado quando repentinamente decidimos ir ao Pacaembu. Meu padrinho, santista, nunca ligou tanto quanto eu para futebol, ainda que sempre presente nas frequentes peladas na sala estreita da casa da minha mãe. Os adultos, depois de umas e outras, protagonizavam lances improváveis naquele espaço pequeno onde, na parede, treinei repetidamente meus primeiros chutes.

Estava tarde e o jogo já ia começar quando decidimos partir para o estádio onde o Corinthians mandava seus jogos. O ano era 1999 e o Timão tinha um elenco memorável: Dida, Rincón, Ricardinho, Marcelinho Carioca, Edílson... todos sob o comando do Oswaldo de Oliveira. Eu tinha 10 anos quando entrei nesse templo do futebol pela primeira vez.

O jogo estava no final do primeiro tempo e ninguém tinha balançado as redes ainda; o adversário do Corinthians era o Paraná. Meu padrinho, até hoje muito presente na minha vida, fazia de tudo para que aquela experiência fosse memorável, ainda que o alvinegro em campo fosse diferente daquele que ele gostava. E ainda que cultivasse uma grande e particular antipatia pelo ídolo, convenhamos, de caráter duvidoso, Marcelinho Carioca.

Pois bem, não foi dele o gol decisivo, mas do Edílson, que num chute cruzado no segundo tempo garantiu a vitória do Corinthians por 1x0. Nessa época, os estádios ainda recebiam ambulantes vendedores de comes e bebes. O processo de “arenização”, que aprofundou as diferenças e favoreceu a exclusão e o elitismo no futebol, ainda estava começando. Foi de um desses vendedores que decidi comprar um pacote de balas Mentos exatamente no momento do único gol do meu Corinthians. Alertada pela vibração da torcida procurei em vão o telão com a repetição do lance. Se existe uma vantagem das arenas, ela é a possibilidade de rever imediatamente seu time marcar o tento.

Não vi o gol da vitória do meu time na primeira vez que fui ao estádio. E talvez preferisse não ver todos os gols que presenciei no Pacaembu depois (e foram vários), se isso pudesse evitar o cruel destino a ele reservado. Trocaria todas as lágrimas de comemoração, e certamente as poucas de decepção, por um futuro mais justo para esse

estádio tão importante na história do país do futebol. Ver suas cadeiras arrancadas transformadas em item de colecionador por uma marca de móveis foi mais doloroso que qualquer virada. Ver os tratores aniquilando anos de memórias no tobogã foi mais destruidor que qualquer título perdido. Que os deuses do futebol salvem o que ainda resta desse palco onde senti minha paixão aflorar pela primeira vez.

O que a Dança Fez por mim

Victória Leonora do Carmo Dellú

Dancei por treze anos da minha vida. Eu fazia aulas de *jazz* em uma academia de dança no meu bairro e fui bem feliz por lá. Minhas primas e minha irmã também fizeram, então virou quase que uma atividade em família. Várias meninas que moravam na minha rua também fizeram, assim amizades surgiam e se estreitavam.

Chegar, guardar a garrafa de água, sentar-se e conversar até a aula começar, se alongar, dançar. Treinar na barra os passos de balé: os *pliês* e outros que eu já esqueci o nome, mas que eram difíceis para quem não é nada flexível como eu. Se empolgar com as músicas novas que teríamos que aprender os passos, me preocupar se eu seria capaz de decorá-los e depois a satisfação em ver tudo fluindo. Essa era a rotina duas vezes por semana.

Nesses treze anos, as experiências são incontáveis. Não dá pra esquecer quando nos apresentamos nas festas da cidade com aquele frio na barriga em ver tanta gente em frente ao palco. E o medo de esquecer algum passo e se perder na coreografia? Ainda mais sendo uma criança tímida. Mas, no fim, vinha a sensação de dever cumprido depois de dançar e receber aplausos; era hora de aproveitar os brinquedos e comidas do evento.

Mas a apresentação principal era o espetáculo de final de ano. Nos preparávamos durante meses para tudo sair como esperado. Cada vez era um tema diferente e as possibilidades dentro disso eram inúmeras. Primeiro eram selecionadas as músicas, depois a coreografia começava a ser montada pela professora e nós, as dançarinas, nos dedicávamos a ensaiar até saber cada detalhezinho. Os figurinos eram escolhidos, confeccionados, experimentados. Íamos ao teatro com antecedência para ter familiaridade com o palco. E no dia, o nervosismo tomava conta. Passávamos o dia todo lá, levávamos nossos lanches, assistíamos aos ensaios das outras turmas, ríamos, batia o cansaço de ensaiar duas, três, quatro vezes, recomeçando quantas vezes eram necessárias para acertarmos.

Ia chegando a hora de dançar para o público, tínhamos que nos maquiar, ajudar umas às outras, lidar com imprevistos como figurinos perdidos, repassar a coreografia o tempo todo na cabeça, esperar na coxia até nossa hora de entrar e finalmente era nossa

vez. Aquele momento de dançar era uma maneira de me expressar, de liberdade, de satisfação comigo mesma e de comemorar com minhas colegas no fim.

Nunca foi só sobre dançar, foi sobre as amizades que fiz, sobre a bagagem artística que vou levar para toda a vida, sobre superação, criatividade e transformação. Nós éramos uma comunidade: lembro da clássica festa junina de todo ano que fechava a rua e atraía pessoas que nem eram dali para participar; lembro do tradicional amigo secreto de final de ano; lembro de quando apareci a primeira vez na televisão por causa da dança e achei o máximo… Enfim, foi uma grande parte da minha vida e acho que o esporte é justamente esse mundo de oportunidades, de qualidade de vida, de vivências, conhecimento e percepções sobre mim e sobre os outros.

A Praia, o Menino e o seu Time

Vitor Valadares Lino Pereira

Era mais um final de ano em Caraguatatuba. O clima quente de final de ano nos obrigava a fugir da cidade e nos direcionarmos diretamente para essa cidade praiana. Ficávamos em uma pousada bem simples, mas que naquele dia, se transformou no palco do maior acontecimento esportivo da história. Pelo menos para o eu de 10 anos de idade.

Não era qualquer época do ano. Ainda nem era natal. A praia não nos atraía mais. O Sport Club Corinthians Paulista havia mudado completamente o clima na cidade. O poderoso timão chegou à final do Campeonato Mundial de Clubes da FIFA. Nada mais importava para aquela criança. O Corinthians precisava ganhar, embora parecesse impossível, pois o adversário era o poderoso time inglês Chelsea. Elenco recheado com os melhores jogadores do mundo que não faziam nem questão de jogar aquela final, mas que não entregariam a vitória de bandeja.

Pedi nas vésperas da final para que meu pai me acordasse de manhã, no horário do jogo que iniciou às 8h30 para eu não perder nenhum minuto. Era cedo demais para este menino que nunca foi bom de acordar de manhã. Meu pai cumpriu com sua promessa e me acordou mas eu não consegui levantar-se, perdi 15 minutos de jogo. Mesmo assim, naquele salão da pousada, eu passei pelos 75 minutos de jogo mais marcantes da minha vida.

O time do Chelsea era imponente. Jogavam dominando todo o campo como sempre. Porém isso simplesmente não significou nada perante o gol de cabeça do grande jogador peruano Paolo Guerrero, que impôs a derrota do maior time da Europa. Corinthians era campeão mundial. Havia festa nos estádios japoneses. O salão do hotel vibrava com duas crianças comemorando, eu e o filho do dono da pousada.

A cidade estava quente, mas o céu estava nublado. Aparentemente nem a natureza era a favor desse time. Eu me levantei e fui gritar na janela do salão. Todas as pessoas da cidade que passavam gritavam que o meu time era bicampeão mundial. Fato esse que eu desconhecia, mas acreditei com todas as minhas forças. Meus pais me levaram para andar na praia e simplesmente toda a cidade era corinthiana. As ruas estavam cheias de pessoas com camisas preto e branco. A praia e o mar estavam vazios. Ninguém estava ali para

aproveitar a praia. Os carros que passavam buzinavam em comemoração. O ar estava cheio de fumaça que vinha das bombinhas sendo estouradas no chão. Meus pais estavam morrendo de medo de acontecer alguma confusão, mas eu estava simplesmente encantado. O clima era vibrante. Todos na rua sorriam.

Entretanto, nunca mais voltamos para Caraguatatuba. Nunca mais houve outro mundial do Corinthians. Mas aquele menino que em 2012 se apaixonou pela nação corinthiana segue sofrendo, aguardando o próximo momento em que ele irá comemorar com todas as forças que seu time é o melhor time do planeta.

Referências:

ARANHA GUIMARÃES MARCELLO, Murillo. **Racismo, decolonialidade e crítica à ideologia:** uma análise de discurso do Portal Capoeira. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. Sorocaba (SP), 2022.

BARROS MALULY, Luciano Victor. **Jornalismo esportivo:** princípios e técnicas. São Paulo: Editora do Autor, 2017.

BARROS MALULY, Luciano Victor; OLIVEIRA TÔZO, Carla de; e DUARTE OLIVEIRA VENANCIO, Rafael. **Cadernos de Jornalismo Esportivo:** Volume 5. São Paulo: ECA-USP, 2020. Disponível em: https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/544. (Acesso em: 31 de janeiro de 2024).

CASTELHERO, Erick. **Práticas do jornalismo no contexto web do Estadão:** uma análise durante a Copa do Mundo do Catar em cobertura da seleção brasileira de futebol. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da São Paulo da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2023.

CAVALCANTI PROENÇA, Ivan. **Futebol e palavra.** São Paulo: José Olympio, 1981.

MARQUES DE MELO, José. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro.** Petrópolis: Vozes, 1985.

QUINTANILHA, Sérgio. **Revolução no jornalismo automotivo:** a reinvenção da mídia especializada em carros. São Paulo: Fontenele Publicações, 2018.

TAMBUCCI, Pascoal Luiz; MARIZ DE OLIVEIRA, José Guilmar; e COELHO SOBRINHO, José. **Esporte & Jornalismo.** São Paulo: CEPEUSP, 1988.

Acesse: http://alterjor.webhostusp.sti.usp.br/

ECA
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP

Alterjor

CJE
JORNALISMO E EDITORAÇÃO